



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE TURISMO

ISABELLA LUDIMILLA BARBOSA DO NASCIMENTO

**ROTEIROS TURÍSTICOS CULTURAIS: UMA ANÁLISE PROPOSITIVA NOS
BAIRROS DA CIDADE ALTA E RIBEIRA/NATAL**

Natal

2013

ISABELLA LUDIMILLA BARBOSA DO NASCIMENTO

**ROTEIROS TURÍSTICOS CULTURAIS: UMA ANÁLISE PROPOSITIVA NOS
BAIRROS DA CIDADE ALTA E RIBEIRA/NATAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
como parte dos requisitos para a Obtenção do
título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Wilker Ricardo de M. Nóbrega, D.Sc

Natal

2013

Catálogo da Publicação na Fonte.
UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Nascimento, Isabella Ludimilla Barbosa do.
Roteiros turísticos culturais: uma análise propositiva nos bairros da Cidade Alta e Ribeira/ Natal/ Isabella Ludimilla Barbosa do Nascimento. - Natal, RN, 2013.
102f.

Orientador: Prof. Dr. Wilker Ricardo de Mendonça Nóbrega.
Monografia (Graduação em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Turismo.

1. Turismo cultural - Natal/RN - Monografia. 2. Centro histórico - Monografia. 3. Patrimônio histórico - Monografia. I. Nóbrega, Wilker Ricardo de Mendonça. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 338.48-6:7/8

ISABELLA LUDIMILLA BARBOSA DO NASCIMENTO

**ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DE VISITAÇÃO TURÍSTICA
CULTURAL NOS BAIRROS DA CIDADE ALTA E RIBEIRA/NATAL-RN**

Monografia apresentada à Coordenação de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca examinadora:

Prof. Wilker Ricardo de Mendonça Nóbrega, D.Sc.
Orientador – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Márcio Marreiro das Chagas, M. Sc.
Examinador - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.^a Patrícia Daliany Araújo do Amaral, M. Sc.
Examinadora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

*Com amor e muitas saudades,
ao meu avô Geraldo Batista, que tão
longe e ao mesmo tempo tão perto ainda é
um dos meus maiores incentivadores.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me dado tanta força e paciência para completar essa longa jornada e estar concluindo a minha graduação.

Aos meus familiares e principalmente aos meus pais Marcelo e Elaine, por todo amor e carinho sempre dedicados a mim.

Ao professor Wilker Nobrega, por ter me orientado de forma tão competente, ter sempre uma palavra de incentivo e paciência nos momentos de dúvidas, pelas conversas e conselhos tão preciosos que foram imprescindíveis para a conclusão desse trabalho.

Ao professor Márcio Marreiro, por fazer parte da minha banca e por todas as contribuições feitas no decorrer do curso, e também por ter aceitado nos acompanhar em várias aulas de campo, e ter o feito sempre com tão bom humor.

A professora Andréa Costa, por ter me dado a oportunidade de participar do projeto de Educação Patrimonial e ter me estimulado a conhecer mais profundamente o Centro Histórico de Natal. Ainda um agradecimento mais que especial à professora e amiga Patrícia Amaral, também coordenadora do projeto e presente na minha banca, pessoa pelo qual tenho muito carinho. Suas contribuições foram essenciais durante o projeto de monografia e seu incentivo indispensável para a conclusão da mesma. Lhe admiro pela profissional e pessoa única que você é, e agradeço muito pelas nossas conversas, pela paciência que você sempre teve comigo, por todas as oportunidades que você me proporcionou, e por toda a sua vasta contribuição para a minha formação.

Agradeço a todos os meus amigos pelo enorme apoio e por entender os meus momentos de ausência, em especial a João Fabrício, Irina, Abner, Fernanda e Rafael, pela mão amiga que nunca me faltou em nenhum momento, por deixarem de lado suas rotinas tão corridas para me dar atenção e me ajudarem na conclusão desse trabalho, e pelo simples fatos de estarem presente na minha vida a tanto tempo.

Aos meus queridos da minha eterna turma de Guia de Turismo do IFRN, que por vários momentos foram meu porto seguro e meus motivos de felicidade, um raro tesouro que eu tive a sorte de encontrar pelo meu caminho e que permanecem tão

presentes na minha vida. Em especial aos que foram tutores junto comigo no projeto de Educação Patrimonial Assuero, Allana, Fernanda Amélia, Luciana, Erick, Jéssica e Hyrlanda, e também a nossa acompanhante oficial Larissa, no qual compartilham até hoje essa paixão e interesse pelos bairros históricos da nossa cidade.

Aos guerreiros da turma de turismo da UFRN de 2010.1 que caminharam junto comigo nesses 4 anos de curso. Só nós sabemos das dificuldades encontradas para chegar onde estamos hoje, mas foi um enorme prazer compartilhar com vocês todos esses anos, vivemos momentos inesquecíveis que vou guardar comigo com muito carinho. Em especial, devo citar o nome de Adiel e Lidenilza, meus companheiros de artigos, de viagens, da política, do corredor, e de tantos outros momentos no qual ter um ao outro foi o bastante para irmos atrás de nossos objetivos em comum.

Por fim, agradeço a todos que de maneira direta ou indireta me ajudaram a construir e concluir esse trabalho. Foi um período de muito estudo e muita dedicação, e fico feliz por todas as contribuições recebidas, desde os livros emprestados, as dicas, os conselhos e as palavras amigas de apoio que nunca me faltaram. Muito obrigado a todos.

“A verdadeira riqueza do patrimônio de um povo não está em seus monumentos, em suas obras de arte ou em seu saber coletivo, mas na capacidade desse povo em valorizá-los.”

Antônio Sanchez del Barrio

RESUMO

Natal é uma cidade que possui como principal atrativo turístico o sol e praia. Entretanto, o seu patrimônio histórico edificado é deixado um pouco de lado e não recebe tanto fluxo de turistas. Algumas empresas operam nessa região, mas ainda o fazem de forma panorâmica através de *city tour* realizado dentro de um ônibus ou van. O Centro Histórico de Natal é delimitado pelos bairros da Cidade Alta e Ribeira, os primeiros da cidade. Eles possuem diversas edificações de distintas épocas e estilos arquitetônicos, o que estimula as pessoas a conhecerem a história e a cultura do povo potiguar. Essa prática de visitar os centros históricos das cidades faz parte das atividades realizadas pelo turismo cultural, uma vertente que está relacionada com a obtenção de conhecimento e integração de forma direta com a população local, de modo a proporcionar esse intercâmbio cultural e a troca de experiência entre os nativos e os turistas. A partir dessa realidade, o trabalho em questão propõe como objetivo geral elaborar uma proposta de roteiro de visita turística nos bairros da Cidade Alta e Ribeira, a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual. A metodologia utilizada para a realização desse trabalho foi do tipo pesquisa descritiva e exploratória referente ao objeto de estudo em questão. Além do material bibliográfico consultado, foi realizado uma coleta de dados *in loco* através de entrevistas aos funcionários dos prédios históricos, aos representantes religiosos das igrejas e aos turistas. A partir dos resultados, nota-se a importância desse desenvolvimento para proporcionar uma experiência do turista com a cultura e a história local. Entretanto, é necessário que haja uma intervenção mais presente do poder público para planejar o desenvolvimento dessa atividade e proporcionar a estruturação desse espaço para promover e também receber um fluxo maior de turistas.

Palavras-chave: Patrimônio; Centro Histórico; Turismo cultural.

ABSTRACT

Natal is a city that has as its main tourist attraction the sun and beach. However, its heritage is left a little to one side and does not receive much tourist flow. Some companies operate in this region, but still do so through panoramic city tour conducted in a bus or van. The Center Historic of Natal is bounded by the districts of Cidade Alta and Ribeira, the first of the city. They have several buildings from different eras and architectural styles, which encourages people to know the history and culture of the RN. This practice of visiting the historic city centers is part of the activities undertaken by cultural tourism, an aspect that is related to acquiring knowledge and integrate directly with the local population, in order to provide this cultural exchange and the exchange of experience between natives and tourists. From this fact, the work in question propose how general objective make an itinerary for tourist visits in the neighborhoods of the Cidade Alta and Ribeira, from a rereading of the social scene, cultural and political current . The methodology used to conduct this type of work was descriptive and exploratory research concerning the subject matter in question. In addition to the bibliography consulted, was held data collection in loco through interviews with officials from the historic buildings, the representatives of churches and tourists. From the results, we note the importance of this development to provide a tourist's experience with the culture and local history. However, there needs to be a more presence the government to plan the development of this activity and provide the structure of this space to promote and also receive a greater flow of tourists.

Keywords: Heritage, History Center; cultural tourism.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 – Van de agência de turismo em frente ao Palácio Felipe Camarão.....	53
Foto 02 – IFRN Cidade Alta.....	56
Foto 03 – Igreja de Santo Antônio.....	58
Foto 04 – Memorial Câmara Cascudo.....	59
Foto 05 – Praça André de Albuquerque.....	60
Foto 06 – Igreja de Nossa Senhora da Apresentação.....	61
Foto 07 – Praça Padre João Maria.....	63
Foto 08 – Instituto Histórico e Geográfico.....	62
Foto 09 – Coluna Capitolina.....	63
Foto 10 – Museu Café Filho.....	64
Foto 11 – Palácio Potengi.....	65
Foto 12 – Praça 7 de setembro.....	66
Foto 13 – Palácio Felipe Camarão.....	67
Foto 14 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.....	68
Foto 15 – Praça das Mães.....	69
Foto 16 – Capitania das Artes.....	70
Foto 17 – Solar João Galvão.....	71
Foto 18 – Solar Bela Vista.....	72
Foto 19 – Casa de Câmara Cascudo.....	73
Foto 20 – A República.....	74
Foto 21 – Placa informativa de Pampulha – MG.....	76
Foto 22 – Placa informativa na Igreja de Santo Antônio (Cidade Alta-RN).....	76
Foto 23 – Praça Augusto Severo.....	77
Foto 24 – Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão.....	79
Foto 25 – Antiga Escola Doméstica.....	80
Foto 26 – Grupo Escolar Augusto Severo.....	80
Foto 27 – Teatro Alberto Maranhão.....	81
Foto 28 – Rua Chile.....	82
Foto 29 – Beco da Quarentena.....	83
Foto 30 – Sport Club de Natal.....	83

Foto 31 – Antigo Palácio do Governo.....	84
Foto 32 – Casa da Ribeira.....	85
Foto 33 – Antigo Grande Hotel.....	86
Foto 34 – Sede do IPHAN/RN.....	87

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Roteiro de visitação a Cidade Alta.....	74
Mapa 02 – Roteiro de visitação a Ribeira.....	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa de Natal por volta de 1690.....	46
Figura 02 – Mapa de Natal por volta de 1790.....	46
Figura 03 – Mapa de Natal por volta de 1840.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Perfil socioeconômico dos turistas.....	54
Quadro 02 – Estilos arquitetônicos.....	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

EDTAM – Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão

FECOMÉRCIO – Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

IFRN – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

IHG – Instituto Histórico e Geográfico

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MG – Minas Gerais

MTur – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PIB – Produto Interno Bruto

PRODETUR – Programa de Desenvolvimento do Turismo

RN – Rio Grande do Norte

SESI – Serviço Social da Indústria

TAM – Teatro Alberto Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO MATERIAL: TEORIA E PLANEJAMENTO.....	23
2.1 Turismo e cultura.....	23
2.2 Turismo cultura e patrimônio histórico.....	27
2.3 Educação Patrimonial.....	34
2.4 O planejamento turístico.....	38
3 CIDADE DO NATAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS.....	45
3.1 A fundação de Natal e a sua conjuntura atual.....	45
3.2 As políticas e ações de incentivo ao turismo cultural na cidade do Natal.....	50
3.3 Levantamento do perfil socioeconômico e da percepção do turista que visita os bairros da Cidade Alta e Ribeira.....	53
3.4 Levantamento dos principais patrimônios edificados na Cidade Alta.....	55
3.5 Proposta de roteirização da Cidade Alta.....	74
3.6 Levantamento e avaliação dos principais patrimônios edificados da Ribeira.....	77
3.7 Proposta de roteirização da Ribeira.....	87
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICES.....	97

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa refere-se a uma proposta de elaboração de roteiro para os bairros históricos de Natal, sendo eles a Cidade Alta e Ribeira, a partir de um diagnóstico desse roteiro e do levantamento de informações relevantes ao seu respeito.

Uma das segmentações do turismo que é voltado para o conhecimento e a interação dos visitantes com a comunidade é o turismo cultural. Uma de suas possíveis atividades é a visita aos patrimônios históricos, na qual geralmente é realizada através de um roteiro pelos lugares do início da construção das cidades. Nessa visita, os turistas entram em contato com a realidade local, conhecendo um pouco mais sobre os espaços e os aspectos culturais presentes na história e na sua identidade.

Essa atividade do turismo cultural está crescendo cada vez mais e se caracterizando como um dos roteiros preferidos dos turistas. Em vários locais do mundo, como os Estados Unidos e outros países Europeus, o número de museus e de patrimônios históricos utilizados para o turismo está aumentando, segundo dados disponíveis no Ministério do Turismo (MTur). Esse fato contribui para o aumento da permanência dos turistas na destinação e aumentar o gasto médio durante a sua estadia.

Cada cidade possui suas características próprias e particularidades referente aos seus hábitos e costumes, o que desperta a curiosidade e a atenção do turista em conhecer a história e a cultura de outras localidades. Sendo assim, esse tipo de prática do turismo cultural habitualmente inclui o centro histórico da localidade, e pode ser uma alternativa de diversificação do produto turístico. Um exemplo disso é a própria cidade do Natal, que tem como principal atrativo turístico a oferta do turismo de sol e mar, e pode oferecer uma opção do turista conhecer a história e a cultura da cidade, visualizando *in loco* o modo de vida de seus habitantes.

Em um contexto onde as cidades recebem cada vez mais fluxos de turistas, Natal é uma destinação conhecida pelas suas belezas naturais. As agências de viagens receptivas vendem e divulgam amplamente as praias, dunas, falésias e os passeios de buggy pelo litoral e os passeios de barco. Esses recursos existem em abundância e é o principal motivo da viagem dos turistas quando vêm visitar Natal,

entretanto, a parte histórica da cidade não é tão promovida e os visitantes não têm conhecimento e acesso à visita ao centro histórico. Apesar dessas limitações, alguns turistas que são mais interessados nessa área e buscam interagir mais com a população local, pesquisam e fazem as visitas ao centro da cidade por conta própria.

Em várias localidades do Brasil, os centros históricos são utilizados como principais atrativos da cidade, e há a concentração do turismo nessas áreas. Um exemplo disso é a cidade de Ouro Preto, de forma que a sua cultura, suas manifestações culturais e arquitetura são os seus principais destaques. Se for uma ação bem planejada e que os limites dos patrimônios sejam respeitados, a visita ao centro histórico e a utilização de seus espaços poderão trazer vários benefícios para os residentes, estimulando o seu sentimento de pertencimento do lugar. Os visitantes também podem ser beneficiados, à medida que passam a conhecer uma cultura distinta da sua.

O Centro Histórico de Natal é compreendido entre os bairros da Cidade Alta (onde foi fundada a cidade) e a Ribeira, e possui vários edifícios e monumentos de épocas e estilos distintos. Eles demarcam o início da formação da cidade, com prédios que representam fatos históricos e acontecimentos decorridos através do tempo, e a sua evolução e desenvolvimento. Ao seu redor, há uma área urbana e moderna, sendo esse o centro da cidade e uma região comercial de grande circulação de pessoas. Essa distinção proporciona a comparação de como a sociedade vivia antigamente, o modelo de suas casas, como era feita a divisão da cidade e das suas ruas, os materiais que eram usados nas construções, e como evoluiu no decorrer do tempo, com a presença de grandes prédios modernos, mais altos e com outro tipo de arquitetura, a utilização de equipamentos tecnológicos, dentre outros. A parte histórica e a sua área de entorno são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e necessitam de uma preservação e conservação adequada. O tombamento é um ato que reconhece o valor cultural, artístico e histórico de alguma propriedade e/ou edifício, de modo que se torna um patrimônio oficial estadual, nacional ou mundial. Com isso, busca-se preservar a memória da local e a importância histórica e cultural daquele bem.

Sendo assim, tem-se como problemática da pesquisa a seguinte questão: de que forma é possível elaborar uma proposta de roteiro de visita turística cultural

nos Bairros da Cidade Alta e Ribeira a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual?

A escolha do tema levou-se pelo fato da pesquisa em questão fazer parte de uma continuação de trabalhos já realizados pela autora e por afinidade do tema. É perceptível o valor histórico que os bairros da Cidade Alta e Ribeira possuem, entretanto, o poder público e o turismo não demonstram um forte interesse em valorizá-los.

O Centro Histórico de Natal é rico em relação a recursos, pois possui prédios com diferentes estilos arquitetônicos construídos em diferentes épocas e momentos históricos da cidade. Entretanto, não existem muitas produções acadêmicas e estudos a respeito do mesmo relacionados à atividade turística.

Como objetivo central, a pesquisa propõem-se a: elaborar uma proposta de roteiro de visitação turística cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual.

Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar as políticas/ações de incentivo ao turismo cultural na cidade do Natal; levantar o perfil socioeconômico e a percepção do turista que visita o patrimônio cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira; levantar os principais patrimônios edificados no Centro Histórico de Natal; avaliar o grau de conservação e o uso público do patrimônio material edificado.

Para o desenvolvimento e realização dessa pesquisa, foram utilizados como procedimentos metodológicos o estudo exploratório e descritivo, a observação e a pesquisa de campo, na qual foi realizada uma abordagem qualitativa.

O estudo exploratório consiste em levantar as informações a respeito do estudo através de pesquisas bibliográficas e a análise de exemplos e estudos de caso que estimulem a compreensão e possa servir para embasar o conhecimento a respeito do tema. Já a pesquisa descritiva baseia-se no conhecimento profundo do problema por parte do pesquisador, onde descreve e analisa os fatos decorrentes do objeto de estudo (GIL, 2010). Inicialmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica exploratória através de livros, artigos científicos e fontes documentais, a fim de levantar a literatura referente ao objeto de estudo e também a identificação do estudo de caso. A pesquisa descritiva foi realizada quanto se trata da caracterização

e da contextualização do centro histórico e do seu patrimônio material, descrevendo suas características e seus atributos.

A pesquisa de campo consistiu na realização de entrevistas para a coleta de dados, propiciando a análise entre a causa e o efeito de determinado fenômeno ou ação sobre algo. A observação é um método utilizado a fim de investigar um determinado assunto de maneira crítica e minuciosa a partir de vê-lo e/ou ouvi-lo (CÁS, 2008). Para a referente pesquisa, essas etapas foram utilizadas para investigar o grau de conservação e o uso público do patrimônio material edificado, além de levantar o perfil socioeconômico e a percepção do turista que visita o patrimônio cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira.

Em relação a sua abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual são descritos e analisados os dados de forma mais aprofundado referente ao estudo proposto. Essa técnica facilita a compreensão de problemas, estruturas e sistemas sociais, além de estimular aos entrevistados de pensarem livremente e darem as suas opiniões a respeito do que está sendo investigado (DENCKER 1998).

Em relação à população e amostra, foram utilizados os seguintes atores para a coleta de dados: os funcionários dos prédios históricos, os turistas e os representantes religiosos das igrejas. Durante a pesquisa, foram entrevistadas 24 pessoas ao total. Nos prédios históricos, foram entrevistados 16 funcionários, dentre eles dois representantes das instituições religiosas, onde buscou-se saber a realidade do fluxo turístico e do funcionamento do edifício, além do seu uso público e do seu estado de conservação. No caso dos representantes religiosos, foi levantada também a respeito da percepção da Igreja quanto à atividade turística acontecendo nos templos religiosos. Foram entrevistados 8 turistas, no intuito de pesquisar o seu perfil socioeconômico e a sua percepção sobre o Centro Histórico de Natal como um produto turístico. Esse baixo número de turistas entrevistados indica a realidade de que a maioria dos turistas que visitam os bairros da Ribeira e Cidade Alta o faz através de ônibus e poucos são os que realizam o percurso a pé.

Em relação à escolha dos entrevistados, essa seleção deu-se por conveniência, que segundo Dencker (1998) trata-se de uma seleção que o pesquisador escolhe membros da população mais acessíveis para a realização da entrevista.

A coleta de dados aconteceu entre o período dos dias 22 de outubro a 04 de novembro de 2013 nos prédios históricos dos bairros da Cidade Alta e Ribeira, onde foram realizadas as entrevistas e também foram feitos os registros fotográficos. Foi utilizada uma abordagem qualitativa com a realização de entrevistas, onde foi direcionado um roteiro de questões buscando atender o problema e aos objetivos específicos propostos da pesquisa com perguntas abertas e observação *in loco*.

Segundo Dencker (1998), a entrevista consta em uma técnica estruturada que mais se assemelha com uma conversa, onde o pesquisador traça o perfil dos entrevistados e pesquisa a respeito dos tópicos a serem considerados para o estudo. Enquanto isso, a observação consta de verificar a realidade e registrar os fatos e comportamentos que estão acontecendo no momento. Para tanto, foram feitas anotações e registros fotográficos.

Várias são as técnicas que podem ser utilizadas para a análise dos dados. Para uma pesquisa qualitativa, é interessante que se aplique uma análise descritiva, que possibilite um maior conhecimento do fenômeno e uma maior visualização dos fatos, objetivando uma visão geral dos resultados (DENCKER 1998).

Os dados coletados foram organizados de acordo com os atores pesquisados, sendo eles os funcionários dos prédios, os representantes religiosos e os turistas, onde foi feita uma análise qualitativa de modo a categorizá-las (DENCKER, 1998).

Posteriormente foi feita uma análise descritiva com as informações coletadas com o objetivo de representar a situação. Essa análise proporcionou organizar um quadro atual a respeito da realidade vivenciada pelos prédios do centro histórico, facilitando a sua análise e possibilitando uma visão holística do objeto de estudo. Dessa forma, foi possível cruzar os dados e verificar as conformidades das respostas e apontar os principais problemas e pontos fortes e fracos do Centro Histórico de Natal.

O primeiro capítulo desta pesquisa consta da teorização a respeito do turismo cultural e do patrimônio material, no qual são conceituados e contextualizados aspectos importantes como o turismo, a cultura, o patrimônio, a educação patrimonial, o planejamento turístico, elementos esses necessários para o entendimento e o aprofundamento das questões e discussões propostas.

Já o segundo capítulo trata do objeto de estudo em si. Trata-se da apresentação dos resultados decorrentes da pesquisa de campo realizada, além de expor as propostas de roteirização e também de sugestões de melhorias.

A pesquisa em questão é relevante por se tratar de uma vertente ainda pouco explorada e que possui produções acadêmicas insuficientes para o turismo cultural em Natal. Além disso, trata-se também de uma área em desenvolvimento e expansão na cidade, de modo que os turistas que visitam a Natal procuram também por outras atividades complementares além do sol e mar, e o Centro Histórico de Natal tem a potencialidade de atender a essa demanda.

2 TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO MATERIAL: TEORIA E PLANEJAMENTO

2.1 Turismo e Cultura

O turismo é uma atividade que não se sabe ao certo as suas origens. As viagens ocorrem desde o tempo antes de Cristo, mas ainda não era considerado turismo por não ter a organização que se tem atualmente, ou seja, a viagem organizada envolvendo elementos do transporte, do guia de turismo, dos meios de hospedagem, mas que nesse período as pessoas já organizavam as suas viagens. Entende-se que o homem sempre viajou, seja de forma definitiva (migrando) ou de forma temporária (retornando). Apenas em 1841 tem-se registro da primeira viagem agenciada, realizada pelo inglês Thomas Cook. Durante esse passeio, Cook vendeu os bilhetes e levou as pessoas para uma palestra sobre o alcoolismo, e esse foi o primeiro passo para a organização da atividade turística como um negócio (BARRETTO, 1995).

O processo de globalização vem desenvolvendo e tornando as dinâmicas sociais e comerciais distintas daquelas que ocorriam há 50 anos, onde a comunicação e o deslocamento das pessoas e das cargas eram feitas de forma lenta e sem muitos recursos tecnológicos o que possibilita rápida locomoção e repasse de informações que existe atualmente. A atividade turística vem acompanhando e se desenvolvendo juntamente com essa evolução. Dias e Aguiar (2002, p. 11) afirmam que “o turismo, por sua vez, está diretamente relacionado com eles, na medida em que o crescimento está associado com o fenômeno da globalização”. Eles se referem à globalização e a terceira revolução científico-tecnológica, onde a expansão da rede de transportes e das telecomunicações modificou e acelerou de forma significativa as relações pessoais, e principalmente as comerciais. A informação chega mais rápida para alguém em qualquer parte do mundo, e a maioria da população mundial tem acesso às tecnologias que possibilitam estar antenado as novas tendências e em tudo o que acontece no planeta.

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001, p. 03), afirma que:

O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros.

A citação acima é um conceito geral da atividade estabelecida pela OMT, Entretanto, será tomado como base o conceito de Ávila (2009, p. 19) por se adequar mais ao objetivo e as discussões desse trabalho:

Trata-se de um fenômeno complexo, com múltiplas facetas que envolvem aspectos econômicos, socioculturais e ambientais, sendo uma atividade capaz de oportunizar conhecimento, sensibilidade, percepção social, contato com pessoas e várias culturas.

Essa atividade é composta por vários elementos, como a infraestrutura, os atrativos e as viabilidades de acesso. A infraestrutura está relacionada aos serviços básicos de uma cidade que conseqüentemente serão utilizados pelos turistas, como saneamento básico, energia elétrica, dentre outros, e também se refere à infraestrutura turística, que darão o suporte direto ao visitante, sendo eles os: meios de hospedagens, locadoras de automóveis, agências de viagens, entre outros. Os atrativos são os recursos naturais e artificiais que são explorados e/ou visitados pelos turistas. Já a viabilidade de acesso, são as malhas ferroviárias, aéreas e aquáticas, no qual o turista desloca-se através delas para chegar ao seu destino (DIAS; AGUIAR, 2002).

Pesquisas apontam o turismo como sendo uma das principais atividades econômicas do mundo, onde gera milhões de emprego e muitas divisas para o destino receptor. Segundo dados da OMT de uma pesquisa realizada em 2009 pelo mesmo órgão, as viagens internacionais cresceram 4,2% ao ano, durante o período de 2000 a 2008, gerando um valor de aproximadamente US\$ 5 trilhões de dólares. Além disso, ainda existe o efeito multiplicador, onde afeta não apenas o setor turístico, mas outros setores da economia que estão interligados com os serviços utilizados pelos turistas, como afirma Portuguez (2004, p. 36):

O turista é um grande consumidor de bens e serviços; sua presença dinamiza os diversos setores da vida da cidade, gera riqueza e emprego e introduz novas modalidades no consumo e nos usos do solo urbano (restaurantes, hotéis, comércio turístico, estacionamento, etc).

Além da questão econômica, o fator cultural também é importante para o turismo. Um dos principais interesses do turista é viajar para conhecer a história, a cultura de outros lugares.

Laraia (1989) relata a respeito da dificuldade de conceituar a cultura. Muito foi discutido no decorrer dos anos e vários aspectos foram levados em conta. Santos (2006) afirma que a cultura é muito ampla, que “se entende muita coisa” (2006, p. 21) e daí surge a sua complexidade e a dificuldade em achar um conceito que englobe todos os seus elementos envolvidos.

Para o Ministério do Turismo (MTUR), a cultura pode ser entendida como “o conjunto de crença, costumes, valores espirituais e materiais, realizações de uma época ou de um povo, manifestações voluntárias que podem ser individuais ou coletivas pela elaboração artística ou científica.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007, p. 8).

Entretanto, para os fins desse trabalho, será utilizada a definição dada por Santos (2006, p. 64) por se tratar diretamente do objeto de estudo do trabalho em questão e suprir o seu objetivo “pode implicar uma ênfase no modo de ser e sentir que seja típico de uma população, que seja característico dela, que seja mesmo um patrimônio seu.”.

Todas as características do ser humano estão relacionadas à sua cultura, seja ela o seu modo de ser individual, ou os costumes adquiridos através da sua herança cultural. As sociedades se distinguem umas das outras pelas suas particularidades e seus costumes (LARAIA, 1989). Essas características estão no modo de falar, de pensar, de agir de cada povo, e por essas distinções que são feitas as diferenciações entre os grupos sociais, fazendo assim a cultura representar uma nação, um povo, como, por exemplo, a população da região nordeste do Brasil que possui características semelhantes e são englobados pela cultura nordestina.

Cada povo tem os seus hábitos, os seus costumes, sua cultura, e nenhuma é melhor do que a outra. Se for dito que determinada cultura é atrasada ou pior, está sendo imposto um juízo de valor sobre ela, o seu próprio ponto de vista. Os costumes dos índios, por exemplo, são bem distintos dos do branco, onde não existe uma que se sobressaia da outra. E toda essa diversidade, é o principal fator que

desperta a curiosidade e a motivação para que os turistas interajam com aquilo que ele não conhece, uma realidade que é diferente da sua (DIAS e AGUIAR, 2002).

É importante ressaltar que a cultura é um processo dinâmico. As pessoas são influenciadas todos os dias por elementos culturais e naturais, e costumes antigos também podem ficar inadequados à realidade atual, de forma que os hábitos estão aptos a mudanças (SANTOS, 2006).

Esses dois conceitos de cultura e turismo se relacionam quando se trata da cultura como sendo a principal motivação para que haja o turismo, de forma que os turistas viajam para interagir e conhecer a singularidade de realidades diferente da sua.

As primeiras viagens de que se tem registro que evidencia a cultura como principal motivação de uma viagem, tendo seu auge principalmente durante o século XIX, onde os jovens de classe média alta viajavam pela Europa para adquirir conhecimento e experiência de vida. Referente a isso, Barretto (1995, p. 49) afirma que “o turismo passou a ser educativo, com interesse cultural. É o período do chamado “turismo neoclássico”, no qual a viagem era um aprendizado, complemento indispensável da educação.”. No turismo moderno continua esse interesse em visitar os lugares para adquirir conhecimento e experiência, mas as pessoas fazem isso pela satisfazer o seu prazer e sua curiosidade, não mais como uma etapa essencial da sua educação e formação.

A atividade turística é bastante complexa, e vários são os motivos que levam as pessoas a se deslocarem do seu local de origem para visitar outras destinações. A segmentação é uma forma de especificar o tipo de turismo e as preferências dos turistas que costumam visitar determinados locais, possibilitando direcionar o produto a ser oferecido de acordo com a demanda. Ansarah (2001, p. 27 *apud* DIAS e AGUIAR, 2002 p. 29) alega que a segmentação turística é importante, pois possibilita identificar:

Clientes com comportamentos homogêneos quanto a seus gostos e preferências. A segmentação possibilita o conhecimento dos principais destinos geográficos, dos tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas e da sua situação social e estilo de vida, entre outros elementos.

Ela confirma que a segmentação é um elemento que facilita o entendimento das necessidades existentes tanto da oferta, possibilitando melhorar a infraestrutura, por exemplo, como as necessidades da demanda, buscando direcionar o produto turístico de modo a atendê-las. E a partir dessa segmentação, é possível identificar o interesse do turista de acordo com a motivação da sua viagem.

2.2 Turismo cultural e patrimônio histórico

A cultura é algo intrínseco a todo ser humano, cada um com a sua particularidade e fato peculiar. São essas diferenças e singularidades que atraem os turistas a saírem de seus locais de origem para saber como vivem as pessoas que possuem uma cultura distinta da sua. Referente a essas motivações e deslocamentos, Funari e Pinsky (2003 p. 7) afirmam:

Todas essas movimentações implicam contato humano e cultural, trocas de experiências entre os viajantes e a população local. Essa parece ser a essência mesma do turismo, pois, principalmente com as novas tecnologias, quase tudo se poderia fazer sem sair de nosso ambiente, tanto descansar quanto aprender uma língua estrangeira. Em princípio, portanto, as pessoas só decidem viajar quando querem entrar em contato com outros costumes e maneiras de viver, com outros povos e culturas, com outras realidades.

Um tipo de turismo que vem crescendo e ganhando mais espaço na mídia e na escolha dos turistas é o turismo cultural. De acordo com uma pesquisa realizada pelo MTur em 2009, na qual eram investigados os hábitos de consumo dos turistas brasileiros, em relação ao principal motivo da escolha do destino turístico, conhecer a cultura e a população local aparece em terceiro lugar, com 13,2% do total dos entrevistados. Os dois primeiros lugares apontam para a busca por belezas naturais/natureza e praias, que totalizam 55,1% dos pesquisados. Este dado revela que se sobressai o número de turistas em busca de contato com a natureza, mas começa a ganhar espaço o interesse pelas questões culturais.

Essa prática de visitar os locais a fim de interagir com a cultura local está presente na sociedade há vários séculos, como registra Funari e Pinsky (2003, p. 15)

O hábito de viajar é antigo. No século XVII, as boas famílias mandavam seus filhos completarem a educação com viagens nas quais aprendiam línguas e costumes de outros povos, compravam

obras de arte e visitavam os monumentos da Antiguidade, como o Fórum, em Roma.

Como se pode notar, a valorização em conhecer outras culturas e poder obter conhecimento com elas é valorizada há bastante tempo. Dias e Aguiar (2002 p. 133) definem essa atividade como sendo “uma atividade de lazer educacional que contribui para aumentar a consciência do visitante e sua apreciação da cultura local em todos os seus aspectos – históricos, artísticos etc.”. Essa prática envolve a interação entre o visitante e a população local, de forma que possibilita esse intercâmbio de culturas e que os turistas conheçam os hábitos e costumes dos habitantes. Essa interação pode ser feita através de visitas a museus, galerias, centros históricos, monumentos, e outros aspectos que influenciem no enriquecimento cultural de quem o visita. Referente a isso, Ferreira *et al* (2012 p. 112) afirmam que:

A busca pelo passado, a contemplação das estruturas antigas e a compreensão dos mecanismos que as produziram são, em boa verdade, uma parte importante na definição do turismo cultural e o motor desta nova economia das cidades.

Funari e Pinsky (2003 p. 7) afirmam que “não é o que se vê, mas o como se vê, que caracteriza o turismo cultural.” E essa é a sua principal diferenciação dos demais, o estímulo ao conhecimento e a interação das sociedades que possibilitam a troca de experiências e o enriquecimento cultural que isso vem a acrescentar.

Conforme aponta Dias (2006), por ser uma atividade em que é utilizado o espaço para poder produzir e consumir seus produtos, essa questão causa diversos efeitos para a região. Quando o turismo não é planejado de maneira correta, pode gerar vários impactos negativos, como por exemplo, a alteração de hábitos e tradições locais decorrentes do contato do turista com a população autóctone. Essa interação possibilita um contato direto com outras culturas distintas, podendo assim ocorrer de haver um choque cultural e a população local mudar seus costumes (KRIPPENDORF, 2001). Por sua vez, isso alteraria a sua percepção com relação a sua própria cultura e poderia deixar de lado a sua identidade e a valorização do seu patrimônio cultural. Além desses elementos, há também a possibilidade da cultura ser vista como um produto a ser comercializado, perdendo assim a sua essência e o seu objetivo principal, entre outros fatores negativos.

Contudo, se o turismo cultural for bem planejado e trabalhado, seus efeitos podem ser maximizados. Haverá a valorização do patrimônio cultural, onde a comunidade irá encará-lo como parte da sua história, e isso fortalecerá a sua identidade cultural e o seu sentimento de pertença. Essa identidade é importante, pois reconhece alguma origem em comum ou alguma característica partilhada por uma pessoa ou um grupo, fazendo com que as pessoas se sintam integradas e que façam parte de um mesmo grupo social (HALL, 2003).

Além desses fatores já explicitados, o turismo cultural também pode aumentar a circulação de pessoas de culturas distintas e este fato proporcionará o compartilhamento de informações e o desenvolvimento intelectual delas, de forma também que esse aumento possibilite a melhoria ou a construção de novos estabelecimentos comerciais. Esses, por sua vez, irão gerar uma renda para comerciantes locais e poderão proporcionar oportunidades de trabalho para as pessoas, os artesãos, por exemplo. Outros fatores ainda podem ser trabalhados, e podem até modificar o estilo de vida e melhorar a qualidade de vida da população local (DIAS, 2006).

Para o MTur (2007), existem quatro questões essenciais para uma gestão eficiente do turismo cultural, sendo elas: preservar, conservar e manter a originalidade dos elementos que tenham importância histórica e cultural para uma localidade; desenvolver o turismo com base local, ou seja, visando o desenvolvimento da comunidade como um todo; prezar pela qualidade da experiência turística do visitante ao entrar em contato com a cultura local; e estabelecer parcerias bem sucedidas entre os agentes de turismo e os gestores que administram os espaços culturais das destinações.

Um elemento importante para representar a história e a cultura de um povo é o patrimônio. Essas construções são elementos que designam de uma edificação que foi construída e que marca a memória de forma a não deixar esquecer lembranças importantes na história de uma cidade, e também como um fator de embelezamento (CHOAY, 2006).

Inicialmente, as pessoas não estavam interessadas em guardar seu patrimônio. Ainda não havia essa concepção de bens materiais coletivos, onde até a Idade Média as posses eram privativas da aristocracia patriarcal que o patrimônio,

ou seja, a herança era passada de pai para filho, ou era uma catedral ou edifício religioso que pertencia a Igreja. Apenas no Renascimento que surge a preocupação de guardar objetos que as pessoas julgavam importantes, onde existiam os colecionadores de Antiguidades, entretanto, ainda era restrito as pessoas que tinham mais condições financeiras (FUNARI, 2009).

Apenas durante a Revolução Francesa, no século XVIII, foi que surgiu a preocupação em preservar os seus monumentos. O país estava devastado pela guerra, era necessário manter a cultura francesa e resgatar os seus valores, compartilhar da igualdade entre os homens a partir de costumes em comum (CHOAY, 2006).

Outro fator que influenciou para a preservação do patrimônio material foi a Revolução Industrial, onde a partir da construção de prédios e casas modernas, foi possível observar a diferença entre os estilos e as técnicas que eram utilizadas antes desse período e os novos edifícios que estavam sendo construídos, onde esse contraste proporcionou a preocupação em preservar esses bens que caracterizavam o passado de uma sociedade (CHOAY, 2006).

O conceito de patrimônio também foi se alterando com o decorrer do tempo, de acordo com as novas políticas de preservação e o entendimento de conservação dos nossos bens culturais. Funari e Pinsky (2003 p. 16) relatam que:

No século XVIII, quando, na França, o poder público começou a tomar as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações, o uso de "patrimônio" estendeu-se para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos especialmente constituídos e nomeando o conjunto de bens culturais de uma nação.

Segundo a afirmação acima, percebe-se a primeira iniciativa de tentar padronizar a escolha dos monumentos que seriam preservados. Entretanto, essa seleção obedecia aos critérios do poder público, e o que viria a ser conservado estava determinado por lei e todos teriam que acatar independente se aquilo era reconhecido como parte da sua herança cultural ou não.

A partir dessa ação e do advento da Revolução Industrial, o mundo passou a prestar mais atenção à preservação do patrimônio. Em 1988, a Constituição Brasileira (artigo 216, seção II – *Da Cultura*) constou em uma de suas diretrizes a definição de patrimônio, sendo ela:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – As formas de expressão; II – Os modos de criar, fazer e viver; III – As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Observando esses dois trechos acima referentes à definição de patrimônio em diferentes épocas e momentos históricos, percebe-se a evolução do entendimento a respeito do tema, e fica evidente a valorização da participação popular na escolha do legado que a represente e que a identifique. Além disso, também é citada na definição da Constituição Brasileira a valorização dos patrimônios que são construídos e mantidos pela própria sociedade, incluindo também os seus aspectos imateriais.

A importância de se preservar deu-se pelo entendimento de conservar a memória e a tradição de um povo através do seu patrimônio edificado. As ruínas de Machu Picchu, localizado no território peruano, por exemplo, possuem aspectos do modo de vida dos povos pré-colombianos, e nós conseguimos ter uma noção de como viviam esses antepassados a partir dessa construção, além de ser uma belíssima edificação (PELLEGRINI FILHO, 1993).

O interesse em se estudar o patrimônio mais profundamente, além de buscar alternativas para melhor preservá-lo, se deu principalmente após a Revolução Industrial, principalmente pelo fato de que as construções e as técnicas de construir foram se modernizando, enquanto outras se destacavam pela sua simplicidade e por traços de uma época passada, como confirma Choay (2006, p. 179):

A conversão da cidade material em objeto de conhecimento histórico foi motivada pela transformação do espaço urbano que se seguiu à revolução industrial: perturbação traumática do meio tradicional, emergência de outras escalas viárias e parcelares. É, então, pelo efeito da diferença e, conforme a expressão de Pugin, por *contraste*, que a cidade antiga se torna objeto de investigação.

Entretanto, a escolha do que preservar é bem complexa. Vale ressaltar ainda que existe uma diferença entre preservar e conservar. Barretto (2000, p. 15) assegura que:

Preservar significa proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por alguma outra que lhe possa ocasionar dano. Conservar

significa manter, guardar para que haja uma permanência no tempo. Desde que guardar é diferente de resguardar, preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural.

Dessa forma, para preservar algum patrimônio, uma das medidas mais utilizadas é a do tombamento. Esse processo consiste em registrar o bem no “livro de tombo”, de modo que ali ficam registrados os patrimônios que possuem algum valor histórico e cultural e são amparados pelas leis de preservação, o que acarreta em não demolir e nem modificar as características originais e essências (BARRETTO, 2000). Pellegrini Filho (1993, p. 95) ainda complementa que “Contendo um valor simbólico no contexto da sociedade em que ocorrem, os traços culturais devem ser tratados e registrados como bens patrimoniais.”. Os órgãos responsáveis por isso são: o Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural (IPHAN) em nível federal, e a Fundação José Augusto em nível estadual.

Sendo assim, vários são os fatores e indicadores para que um bem individual ou coletivo seja reconhecido. Referente a esse processo, Funari e Pinsky (2003 p. 16) atestam:

A construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre os diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado atribuído ao patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento.

Dessa forma, devem ser identificados os prédios históricos que representem a história e os acontecimentos da sua época e preservá-los como marco da sua cultura.

O sentido de patrimônio está relacionado com propriedade, herança paterna, dos que viveram antes e deixaram o seu legado e a sua história registrada em edificações e em elementos da cultura para as futuras gerações. O patrimônio pode ser dividido em material e imaterial. O imaterial é composto pelas manifestações culturais, danças, aspectos culturais intangíveis como um todo, enquanto o material são os edifícios, monumentos, pinturas, dentre outros (ABREU e CHAGAS, 2009). Conservar essas construções é um meio de preservar e sempre lembrar os fatos, acontecimentos históricos e do próprio desenvolvimento da cidade, construindo

assim uma memória e criando um vínculo entre passado e o presente, por meio de afeição e de afetividade, tentando assim estabelecer uma relação e um sentimento de pertencimento do morador a sua cultura local (ABREU; CHAGAS, 2009). Por se tratar das edificações e dos monumentos do Centro Histórico da cidade do Natal, a pesquisa utilizará o patrimônio material como objeto de estudo.

Todavia, o patrimônio, por si só, não dá conta de remontar e contar a história de uma cidade e de uma população. Segundo Martins (2006, p. 39):

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos, e ajuda a criar essa amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade. Esta não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos.

A partir dessa afirmação, pode-se perceber que o patrimônio por si só não caracteriza uma identidade, e sim os símbolos, os significados, a relação entre a história e os aspectos que englobam esse legado com a comunidade local que preserva essa memória. Esse conjunto de valores e noções monta um cenário singular da história e do legado local, imprimindo assim a singularidade e a peculiaridade do lugar, formando sua identidade e exaltando sua importância para a sociedade. Com a valorização do patrimônio por parte do turismo, ele passará a ser mais notado e a sociedade local pode começar a enxergar os monumentos como parte integrante do seu passado e da sua história.

Com esse desenvolvimento do turismo nos centros históricos, um questionamento a ser feito é a utilização dos prédios históricos para os interesses atuais, ou seja, a sua funcionalidade atual. Não é necessário apenas a sua preservação, mas também uma utilização adequada e uma dinamização do seu espaço.

Esse processo de atribuir outra funcionalidade ao prédio antigo é chamado de resignificação. Consiste em dinamizar e manter o uso constante da edificação, garantindo assim que ela seja conservada e não abandonada, contanto que obedeça e mantenha as características arquitetônicas e estruturais do patrimônio (BARRETTO, 2000).

A valorização e o conhecimento do nosso patrimônio nos remetem a nossa identidade cultural, onde identificamos que aquele elemento faz parte também da

nossa história, e sentimos que somos parte integrante disso. Referente a essa identificação, Portuguez (2004, p. 4) atesta:

Ir a um sítio histórico representa uma viagem no tempo, que permite ao contemplador da paisagem uma experiência de contato emocional e físico com inúmeros equipamentos que remontam seu passado, dando mais sentido à história de sua vida, de sua família, de sua comunidade e mesmo de seu país.

O turismo se utiliza do patrimônio de forma que é um dos principais atrativos para os turistas. “Na realidade, o que torna o lugar atraente é a cultura de sua gente, o jeito que esse povo encontrou de estar e ser em sua existência, em seu espaço, vivendo sua realidade” (MARTINS, 2006, p. 40).

É a partir da sua visita que o visitante conhece *in loco* e interpreta como é/era a vida da sociedade local da destinação em que se está visitando a partir das suas formas arquitetônicas. Ele fica curioso para conhecer uma cultura diferente da sua e quer interagir com o dissemelhante (PORTUGUEZ, 2004).

Essa prática de interpretar o patrimônio e passar para o turista, possibilita um envolvimento mais próximo e uma experiência afetiva ao visitante, de forma que o sensibilize para a valorização e a preservação do seu legado cultura, como assegura Murta e Albano (2002, p. 10):

Desenvolver a preservação e a interpretação de nossos bens culturais, traduzindo seu sentido para quem os visita. Mais que informar, a interpretação tem como objetivo convencer as pessoas do valor de seu patrimônio, encorajando-as a conservá-lo. Esta é a sua essência.

Uma possibilidade de visitar os Centros Históricos e obter uma experiência significativa é a partir da educação patrimonial, onde esse processo proporciona uma integração mais direta do morador com a sua história e do visitante com a realidade da população local.

2.3 Educação Patrimonial

A educação é um elemento presente em todas as atividades e vertentes, até mesmo no turismo. É essencial que haja o aprendizado básico para que a atividade turística ocorra de forma planejada e com o menor impacto negativo possível nas destinações receptoras. Fonseca Filho (2007 p. 20) alega que:

O objetivo central da educação turística é educar os munícipes e turistas para o desenvolvimento sustentável do turismo, contribuindo para que todos desenvolvam comportamentos responsáveis e coerentes diante da atividade turística. Ela não objetiva apenas formar pessoas que recebam bem turistas, mas também cidadãos que valorizem e protejam os patrimônios culturais e naturais da localidade.

Assim, é importante que haja essa conscientização tanto do município que irá receber o turista como também para o visitante, para que dessa forma possa contribuir para a experiência positiva de quem visita a localidade e amenizar os impactos negativos da região visitada. A partir disso, é notável a preocupação em se preservar o patrimônio cultural e natural de uma cidade, de modo assim a também preservar a sua cultura.

O patrimônio é um elemento importante para os grupos sociais. Nele são mantidos traços da evolução e da história da população. Fatos marcantes e acontecimentos históricos são retratados a partir de seus edifícios, monumentos e manifestações culturais. Funari e Pinsky (2003 p. 16) relatam que é “algo construído para ser uma representação do passo histórico e cultural de uma sociedade.”. Para tanto, é necessário que haja o conhecimento da existência dessa herança cultural e a compreensão da mesma. Além disso, é interessante que os visitantes tenham essa educação para se conscientizarem da importância de preservar esses patrimônios para resguardar a história e a cultura local, possibilitando assim uma maior interação com a população local.

Para repassar o conhecimento e a história sobre esse patrimônio, e difundir a ideia de preservação e conservação do legado, uma das metodologias que pode ser utilizada é a Educação Patrimonial. Para Horta *et al* (1999 p. 6) “Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.”

Para tanto, é necessário que os moradores tenham o conhecimento a respeito do seu próprio patrimônio, para que possam então repassar isso para os turistas, como diz Murta e Albano (2002, p. 11) “Uma comunidade que não conhece a si mesma dificilmente poderá comunicar a importância de seu patrimônio, seja na interação com os visitantes, seja na sensibilização dos operadores.”.

Dessa forma, a Educação patrimonial está focada em estimular o conhecimento, a apropriação e a valorização das pessoas para com o seu patrimônio cultural, seja ele de forma individual ou que represente a história comum entre várias pessoas. Referente a esse processo, Barreto *et al* (2008 p. 39) afirma que:

A educação patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural, seus produtos e manifestações, despertando nos cidadãos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva.

A partir dessa citação, pode-se notar a importância em conhecer o seu patrimônio não apenas para conhecer a sua própria história, mas também para saber os seus direitos e deveres sobre ele. Isso pode vir a estimular a participação da população na escolha do que preservar e no que ser tombado pelos órgãos públicos competentes.

Em várias localidades do Brasil são realizados projetos para a Educação Patrimonial, inclusive em Natal. No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN), campus Cidade Alta existe um projeto de extensão intitulado “Educando para o patrimônio cultural”. Esse projeto objetiva capacitar tutores para fazer guiamentos pelos bairros históricos de Natal com os moradores para que conheçam a sua história e a cultura local.

Além da questão da identidade cultural, outro elemento importante é o sentimento de preservar a sua memória e utilizar-se dela para gerar emprego e renda para a população, como assegura Murta e Albano (2002, p. 11):

Deve também levar os moradores a (re) descobrir novas formas de olhar e apreciar seu lugar, de forma a desenvolver entre eles atitudes preservacionistas. Finalmente, deve despertar novas vocações, e possibilitar oportunidades de trabalho e renda ligados ao turismo.

No Brasil, as primeiras discussões sobre essa temática iniciaram-se a partir do 1º Seminário realizado em 1983 no Museu Imperial, localizado em Petrópolis no estado do Rio de Janeiro. Esse evento foi inspirado em um trabalho desenvolvido na Inglaterra intitulado de *Heritage Education*. A partir dessa experiência, o assunto ficou mais presente nos estudos e discussões no âmbito do território nacional brasileiro, e foram desenvolvidas algumas atividades práticas em diversos locais (HORTA *et al*, 1999). Entretanto, o número de estudos sobre a temática ainda não é

muito numerosa, o que possibilita um campo extenso para o desenvolvimento de pesquisas e investigações referentes a esse tema.

Em algumas localidades do Brasil, há o incentivo e o investimento para essa prática, entretanto, ainda há um déficit nessa área. Poucas são as localidades que tem a educação patrimonial de forma constante e ativa em seus centros históricos. O capital investido na preservação é pouco, mas demonstra resultados significativos nos locais que são implantadas, de modo a propiciar a retomada de valores culturais na sociedade (SOARES, 2007).

A educação patrimonial é uma prática que pode trazer vários benefícios à comunidade. Referente a isso, Barreto *et al* (2008 p. 37) atesta que:

Esse processo tem por objetivo capacitar os cidadãos para o usufruto da sua herança cultural e propiciar sua participação na criação da cultura, que é um fazer contínuo da sociedade. O conhecimento crítico e a apropriação consciente, por parte das comunidades, são a garantia de preservação deste patrimônio e reforçam, ao mesmo tempo, os sentimentos de identidade e cidadania.

Sendo assim, a educação patrimonial estimula e desperta a curiosidade a respeito do seu patrimônio e da sua história. Desse modo, pode auxiliar no resgate da sua memória e da preservação e valorização dos seus bens. Ainda relativo a isso, Soares (2007 p. 30) também alega que:

As atividades de educação patrimonial servem de subsídio para que a comunidade em geral desperte para uma reapropriação de seus bens, sugerindo uma retomada dos valores culturais e históricos relativos a essa sociedade.

O turismo se utiliza disso de modo que o patrimônio cultural é um objeto de atração dos turistas, e o turismo cultural uma das vertentes que mais cresce no mundo. Dessa forma, a educação patrimonial é importante para a formação dessa consciência de preservação por parte dos visitantes, como também da população local. Ela deve proporcionar o sentido de pertencimento do morador ao seu bem cultural, de forma a criar uma identidade cultural no qual ele se identifique e possa valorizá-la e conservá-la (CARDOZO; MELO, 2009).

Diante de todos esses fatores, percebe-se que o turismo cultural possui elementos que necessitam de uma maior atenção em relação a sua valorização e ao planejamento da atividade em seu patrimônio, buscando preservá-lo, mas que o

turista tenha a possibilidade de conhecê-lo. Para tanto, é necessário que haja um estudo prévio e um planejamento que possa adequar essa função turística do prédio e da cidade.

2.4 O planejamento turístico

Planejar é algo intrínseco a todos, no qual utilizamos disso para realizar as nossas decisões, podendo ser a respeito de como será o nosso futuro ou também para organizar o nosso dia a dia. Planejamos a roupa que vamos utilizar, para onde iremos, alguma viagem que vamos realizar, e também a dinâmica e política de uma cidade. Para Ávila (2009, p. 26):

Planejar consiste em prever antecipadamente uma série de ações, projetando um plano de atuação, de forma a chegar a uma situação desejada de forma coerente, organizada e sistemática. Adotar um planejamento significa que os idealizadores de uma determinada atividade pensam antecipadamente seus objetivos, e que suas ações serão baseadas em algum método e não em crenças e palpites.

Esse planejamento prévio é importante para pré-determinar um rumo para as ações que serão realizadas no futuro, de modo a ser um processo contínuo aonde irá se decidir os meios e as formas para se realizar determinado objetivo (PETROCCHI, 1998).

No caso do turismo, é necessário que se faça o planejamento buscando o desenvolvimento da cidade e da infraestrutura necessária para a realização da atividade turística. Para tanto, o ideal é que haja primeiramente uma pesquisa a respeito da necessidade local, como, por exemplo, pesquisar se a localidade tem vias de acesso, se a população está de acordo em receber a atividade, se existe luz e água suficiente para atender a população e essa nova demanda, dentre outros, buscando suprir a necessidade básica da população para então atender ao turista.

Para ordenar e organizar o planejamento do turismo, algumas etapas devem ser obedecidas. Acerenza (2002) destaca que o planejamento inicia-se pela pesquisa, onde será analisado e identificado as necessidades da localidade, e após esse reconhecimento é feito a preparação e a estruturação do plano, onde será decidido os objetivos, os recursos humanos e financeiros que serão utilizados, as metas, e todas as ações serão estruturadas. Posteriormente será realizado a

execução do programa onde será posto em prática tudo o que foi planejado, e por fim, o controle de gestão para acompanhar a sua implementação e a avaliação de resultados. Outros elementos que também podem ser utilizados durante o planejamento é o inventário turístico, que consiste no levantamento das informações pertinentes para desenvolver o turismo na localidade, e o diagnóstico, que seria a análise do inventário com o apontamento do potencial e dos melhoramentos que podem ser feitos na destinação.

Outro fator essencial que deve ser levado em conta na hora de se planejar o turismo é a constante monitoração, que deve ser feita durante e depois da execução dos projetos e políticas a serem implementadas. Essa ação deve ser feita para acompanhar o processo e ter a certeza de que os objetivos foram alcançados. A respeito disso, Barretto (1991, p. 13) assegura que:

O planejamento é uma atividade, não é algo estático, é um dever, um acontecer de muitos fatores concomitantes que tem que ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico é lícito a permanente revisão, a correção do rumo. Exige um repensar constante mesmo após a concretização dos objetivos.

É essencial também que haja a participação da comunidade no processo de planejamento da cidade, pois ela será diretamente impactada de forma positiva ou negativa com o fluxo turístico que a destinação pode atrair. Relativo a essa questão, Barretto (1991, p. 13) afirma “turismo implica não apenas dinheiro circulando, equipamentos sendo construídos e serviços de apoio sendo administrados. Implica pessoas se deslocando, comunidades recebendo pessoas.”.

Diante disso, Ávila (2009, p. 25) ainda discute que “o planejamento do turismo deve ser elaborado tendo como base o modelo de desenvolvimento que o setor público, o privado e os representantes da sociedade desejam para o destino”. Assim sendo, percebe-se que a atividade turística pode trazer várias implicações para o destino, sendo elas de ordem positiva ou negativa, portanto, é relevante que se faça o planejamento turístico e que se busque atender os interesses e as necessidades do setor público, privado, da população e também dos turistas.

Para tanto, a política pública se organiza de modo a fornecer estrutura para desenvolver a atividade turística. Sobre isso, Acerenza (2002, p. 276) afirma que:

A administração pública é que dá vida às estruturas e às instituições que constituem o Estado, por meio de procedimentos e processos sistematizados que colocam o governo em ação, e conseqüentemente, os órgãos e pessoas que integram.

Para tanto, o governo elabora ações que buscam desenvolver ou melhorar o turismo na região, sendo elas as políticas públicas, no qual Nóbrega (2012, p. 93) define como sendo “a intervenção do Estado na sociedade através de estratégias de planejamento”, no qual está associado os aspectos que envolvem a sociedade, sendo ele a economia, a segurança, a questão ambiental, e também o turismo.

Para administrar a atividade turística e implementar essas ações de desenvolvimento, o Brasil desde a década de 1960 se preocupa em ter algum órgão federal atuante que seja responsável por isso. Inicialmente, foi instaurado o Conselho Nacional de Turismo (CNT) e a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). Durante muitos anos a EMBRATUR estava a frente da administração da atividade no Brasil, enquanto o turismo era atrelado a outros Ministérios, como o da Indústria e Comércio e posteriormente do Esporte e Turismo. Apenas em 2003, durante o governo Lula que é criado o Ministério do Turismo, que é responsável por desenvolver o turismo como sendo uma atividade econômica sustentável, e também pela implementação de políticas e projetos de desenvolvimento de turismo no Brasil, e a EMBRATUR deixa de ser empresa e passa a ser o Instituto de Turismo, onde é encarregado por divulgar o destino Brasil internacionalmente. Para a gestão estadual e municipal existem secretarias, que dependendo do local e da importância que a atividade turística tenha, pode estar inclusa em secretarias de lazer, cultura, esporte, dentre outras (PAULA, 2013).

As organizações públicas de turismo tem como principal propósito se envolver com a atividade para que haja o incentivo a geração de emprego e renda, de forma também a maximizar dos benefícios da comunidade receptora, contribuir para a construção da identidade visual do país e das cidades como destinações turísticas, dentre outros que contribuem para o desenvolvimento da atividade (COOPER, 2001).

Na esfera internacional, o representante do turismo é a OMT, uma agência especializada das Nações Unidas. É responsável por várias funções, dentre elas, auxiliar os seus membros a aumentar os benefícios e o desenvolvimento do turismo,

prestar assistência no planejamento dos destinos, fornecer informações estatísticas a respeito do turismo internacional, assessorar na implementação de políticas, dentre outros (COOPER, 2001).

Um bom exemplo de como o poder público pode interferir numa destinação turística é utilizando o exemplo de Natal, onde entre as décadas de 1980 e 1990 houve um grande investimento na construção da via costeira e também a implementação do Programa de Ação para o Desenvolvimento Integrado do Turismo (PRODETUR). A EMBRATUR ([2000 ?], p. 39 *apud* FONSECA, 2005, p. 95) esclarece a importância do programa:

Esse programa foi criado com a justificativa de que as deficientes condições de infra-estrutura dificultavam a a expansão da atividade turística no país, sendo, portanto, necessário melhorar a infra-estrutura básica e turística para viabilizar sua expansão. Assim, o objetivo geral do Programa foi “dotar os pólos turísticos selecionados de condições estruturais que viabilizem o estabelecimento e desenvolvimento de atividades turísticas, objetivando a geração de novos postos de trabalho.

Nas década de 1970 e 1980, o governo estadual havia incentivado a construção de grandes hotéis na Via Costeira, buscando estimular o crescimento do turismo na cidade, e o PRODETUR veio para sanar alguns problemas de infraestrutura que a cidade possuía.

No Rio Grande do Norte, o PRODETUR estava focado em quatro linhas de atuação: saneamento básico da cidade; melhoria nas vias de acesso rodoviária e aérea nos pólos turísticos; suporte as instituições e capacitação profissional. Na listagem abaixo está evidenciado todas as ações executadas pelo programa (FONSECA, 2005):

1. Reorganização administrativa da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR/RN);
2. Departamento de Informática da Secretaria Estadual de Turismo (SETUR/RN);
3. Reorganização administrativa da Coordenadoria do Meio Ambiente (CMA/RN);
4. Recuperação de hidrômetros da Companhia de Águas e Esgoto (CAERN);
5. Departamento de Informática do Departamento de Estradas e Rodagens (DER/RN);

6. Elaboração de base cartográfica dos municípios de Ceará-Mirim, Extremoz, Parnamirim, Nísia Floresta e Tibau do Sul;
7. Elaboração dos Planos Diretores dos municípios de Ceará-Mirim, Extremoz, Parnamirim, Nísia Floresta e Tibau do Sul;
8. Recuperação do Parque das Dunas de Natal (Natal);
9. Implantação de equipamentos para o Parque das Dunas de Natal (Natal);
10. Esgotamento sanitário e drenagem de Ponta Negra (Natal);
11. Esgotamento sanitário da Via Costeira (Natal);
12. Pavimentação de Ponta Negra (Natal);
13. Urbanização e iluminação de Ponta Negra (Natal);
14. Estrada: Nova Parnamirim – Rota do Sol (Parnamirim);
15. Estrada: RN 313 – Nova Parnamirim (Parnamirim);
16. Estrada: BR 101 – Nova Parnamirim (Parnamirim);
17. Estrada: BR 101 – Nova Parnamirim (Parnamirim) – duplicação da anterior;
18. Estrada: Pium – BR 101 (Parnamirim)
19. Estrada: Binário de Pirangi – (Nísia Floresta);
20. Estrada: Pirangi – Barra de Tabatinga (Nísia Floresta);
21. Estrada: Tabatinga – Camurupim – Barreta (Nísia Floresta);
22. Estrada: Pitangui – Graçandu – Barra do Rio (Extremoz);
23. Estrada: BR 101 – Pitangui (Extremoz);
24. Estrada: Pitangui – Jacumã (Ceará-Mirim);
25. Estrada: BR 101 – Muriú (Ceará-Mirim);
26. Estrada: Goianinha – Tibau do Sul (Tibau do Sul);
27. Ampliação e modernização do aeroporto Augusto Severo.

Após esses incentivos e esse desenvolvimento, Natal passou a ter um maior fluxo de turistas e a ser um destino turístico importante para o Nordeste brasileiro (FONSECA, 2005).

Até esse momento da década de 2000, que foi marcado pela estruturação e consolidação da atividade turística como uma economia forte no estado, o foco estava em desenvolver e executar ações voltadas para o turismo de sol e mar, produtos que Natal e a sua região metropolitana tem em abundância. Entretanto, é necessário que haja uma diversificação e a própria demanda pede por isso. Uma

das alternativas para isso é o desenvolvimento de ações em prol do turismo cultural na cidade do Natal, e as pessoas e o governo estão prestando mais atenção a esse fator também.

A realidade das capitais litorâneas brasileiras é que há uma grande concentração no turismo de sol e praia, e Natal não fica fora disso. Apesar de depender desse elemento, ainda assim, o desenvolvimento geralmente é mais acelerado do que o planejamento, dificultando assim na organização planejada da atividade. Referente a isso, Ávila (2009, p. 17) alega que:

No Brasil, a atividade turística está caracterizada pela concentração do turismo no verão e no litoral, além do uso predominante de um recurso natural: as praias. O processo de desenvolvimento turístico tem ocorrido rapidamente, e frequentemente sem planejamento, sendo importante que o setor acadêmico acompanhe de perto na tentativa de contribuir e interferir.

Uma estratégia também utilizada para organizar e comercializar o turismo, é a formação de roteiros turísticos. Essa ferramenta compreende um itinerário organizado de modo a programar uma visita aos atrativos da cidade, e dessa forma, facilitar e possibilitar que o turista tenha conhecimento do que ele irá visitar e lhe de uma opção de escolha de como irá fazê-lo (TAVARES, 2002).

Para tanto, é necessário que haja uma pesquisa prévia a respeito do local onde será feito o roteiro turístico, onde se deve conhecer profundamente os atrativos e os serviços que estão inseridos ali e quais as possibilidades para fazer esse percurso ou o transporte que será utilizado (BAHL, 2004).

Essa prática também é importante para conhecer mais de perto como é a realidade do local que está sendo visitado, como afirma Tavares (2002, p. 14)

Um roteiro, porém, não é somente uma sequência de atrativos a serem visitados, é também uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade. É importante que seja coeso e contextualizado, o que dará uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, clara do local visitado.

Um roteiro também pode ser chamado de *city tour* e essa expressão é muito utilizada quando os turistas visitam os centros históricos das cidades, onde fazem um *city tour* panorâmico ou a pé pelos bairros históricos das cidades. Alguns não tem o poder de atrair tantos turistas quanto as belezas naturais, mas ele se torna uma opção de lazer que além de proporcionar essa experiência ao turista, também

possibilita aumentar a permanência dos mesmos na cidade, fazendo com que eles gastem mais e gerem mais divisa para a localidade (TAVARES, 2002).

Dessa forma, os roteiros podem ser direcionados também aos Centros Históricos e atender à demanda do turismo cultural, onde em alguns lugares a sinalização turística e as informações não são suficientes para orientar os turistas, que são pessoas que não tem conhecimento sobre o local e necessitam disso para se deslocar nesses espaços e para ter mais liberdade de conhecer o patrimônio material das destinações.

3 CIDADE DO NATAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS

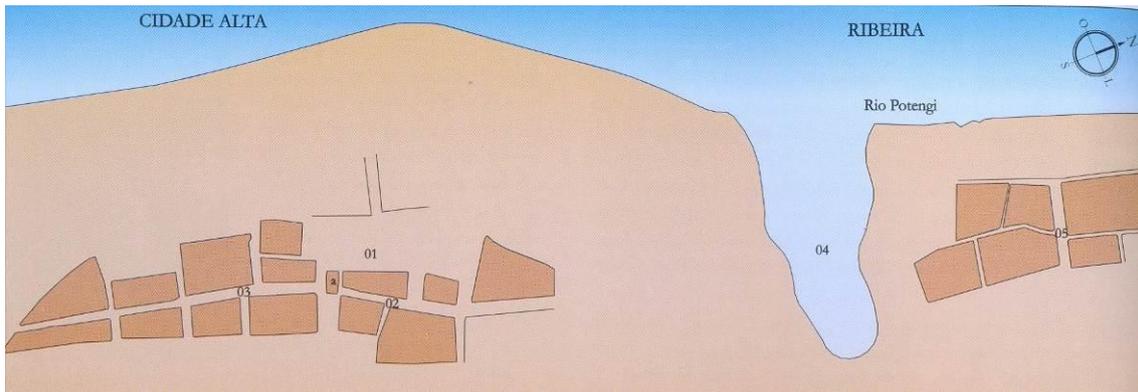
3.1 A fundação de Natal e a sua conjuntura atual

Em dezembro de 1599 era fundada a cidade do Natal, marcada pela construção da Fortaleza dos Reis Magos. Cascudo (1999) conta que no dia 25 de dezembro desse ano foi inaugurado o seu pelourinho ou a sua igreja matriz, e em virtude da data, a cidade foi batizada homenageando o nascimento do menino Jesus. E assim, iniciava-se a povoação da cidade, tendo a sua origem no bairro da Cidade Alta. Durante a construção do forte, alguns trabalhadores moraram ao seu redor, entretanto, estavam ali na proporção de adiantamento do trabalho, não com o objetivo de povoar. Foram feitas demarcações com cruzes para delimitar os limites do território, assim como de costume desse período, onde uma ficava na Rua da Cruz (atual Junqueira Aires) e outra no declive do baldo, onde ficava o rio de beber (onde até hoje existe uma cruz que popularmente simboliza a Santa Cruz da Bica). As construções iniciais eram feitas de taipa e telha, e o desenvolvimento foi bastante lento, visto que 15 anos após a sua fundação existiam apenas doze casas, e ainda em 1631 o número aumentou para sessenta (CASCUDO, 1999).

O bairro da Ribeira também foi um dos primeiros da cidade, tendo seus primeiros moradores a partir de 1603 (CASCUDO, 1999). Recebeu esse nome porque onde atualmente está a Praça Augusto Severo existia um grande alagado do rio Potengi. Existia uma ponte de madeira que interligava a Cidade Alta a Ribeira. Era um bairro que abrigava muitos comércios, plantações e armazéns de mercadorias exportadas para Pernambuco, posteriormente também caracterizado pela sua boemia. Também teve um lento crescimento, o que comprova que até meados do século XVIII, Natal pouco evoluiu.

Durante o século XVII, os bairros da Cidade Alta e da Ribeira constituíam os limites da cidade, que contava com poucos moradores e também tinha como única edificação a igreja matriz (ver figura 01). Nessa época a cidade pouco se desenvolveu. Pode-se observar no mapa a seguir a limitada estrutura da cidade, e o alagado do rio Potengi era o que dividia o território dos bairros.

Figura 01 - Mapa de Natal por volta de 1690



Fonte: MENDES (2007). (imagem constituída após pesquisa documental).

Já no final do século XVIII, nota-se um desenvolvimento considerável na cidade em relação ao século anterior, no qual se vê mais ruas e mais construções pelos dois bairros, inclusive uma ponte interligando ambos. Não somente os edifícios cresceram, mas a dinâmica social e o comércio ficaram mais intensos. Mas apesar disso, Natal ainda não se configurava como uma grande cidade e crescia a curtos passos (ver figura 02).

Figura 02 – Mapa de Natal por volta de 1790



Fonte: MENDES (2007). (imagem constituída após pesquisa documental).

Descrição de Natal, por Henry Koster, 1810: (KOSTER, 1978, p. 110)

As construções foram feitas numa elevação a pequena distância do rio, formando a cidade propriamente dita porque contém a Igreja Matriz. Consiste numa praça cercada de residências, tendo apenas o pavimento térreo, as igrejas que são três, o palácio, a câmara e a prisão. Três ruas desembocam nesta quadra, mas elas não possuem senão algumas casas

de cada lado. A cidade não é calçada em parte alguma e anda-se sobre uma areia solta, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas de tijolos ante suas moradas. Esse lugar contará seiscentos ou setecentos habitantes.

À tarde, saímos passeando para ver a cidade baixa. É situada nas margens do rio e as casas ocupam as ribas meridionais e não há, entre elas e o rio, senão a largura da rua. Essa parte pode conter 200 a 300 moradores e aí residem os negociantes do Rio Grande.

Como se pode ver, a primeira descrição é sobre o bairro da Cidade Alta, cuja infraestrutura ainda continuava sem um grande desenvolvimento das construções e da estrutura da cidade. A segunda citação trata-se do bairro da Ribeira, no qual concentrava a parte comercial de Natal e até então também pouco desenvolvida. Somente no final do século XVIII e início do século XIX que realmente há mudanças e avanços na cidade, com a sua urbanização e modernização de sua infraestrutura.

Figura 03 – Mapa de Natal por volta de 1840



Fonte: MENDES (2007). (imagem constituída após pesquisa documental).

E dessa forma, a partir da evolução e do desenvolvimento que Natal sofreu e da preservação de alguns dos seus primeiros prédios e monumentos, pode-se remontar e contar a história dos primórdios da cidade, que é o legado do povo potiguar e é bastante diversificado e rico, no qual se tem muito potencial em desenvolver um roteiro para que outras pessoas também possam conhecer o Centro Histórico, despertando esse interesse não apenas dos turistas, mas também da população local.

Um mapa construído pelo capitão-mor José Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque em 31 de dezembro de 1805 registrava que a população de Natal possuía 6393 habitantes. Nesse mesmo período, a cidade já havia se expandido para os bairros: Passo da Pátria, Barro Vermelho, Alecrim, Quintas, Guarita, Refoles (hoje Base Naval) e Guarapes (MIRANDA, 1999). E a cidade continuou se expandindo para outros locais, e esse crescimento proporcionou o surgimento de cafés, hotéis, alojamentos, bares, bilhares, brigas, delegacias, comércio e etc.

No início do século XX, houve uma grande seca no sertão, o que gerou uma grande imigração do sertanejo para a capital, proporcionando assim o crescimento da cidade e do número de habitantes. Outro fator também marcante da primeira metade desse mesmo século foi a inserção de Natal como base estratégica para os norte americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Eles tinham a sua base concentrada em Parnamirim, mas circulavam também pelos quartéis do exército e da Base Naval, o que proporcionou o asfaltamento dessas vias para facilitar a locomoção. A Base também criou possibilidades de empregos e serviços para os nativos, além de hospitais e a assistência de várias outras profissões (MIRANDA, 1999).

Desde então, a modernidade chegava à Natal, com estradas, o bonde elétrico, carros, as construções e os prédios, dentre outros. Esses elementos obrigaram que a cidade tivesse um planejamento e ordenação urbana, buscando atender essas novas necessidades de ruas mais largas, quarteirões e avenidas medidos milimetricamente e planejados, preocupações que não existiam na época da fundação da cidade onde as construções eram bem mais simples e as ruas eram de areia. Uma particularidade de um programa educacional de Natal ocorrido durante a década de 1960 foi o “De pé no chão também se aprende a ler”, implementado pelo prefeito Djalma Maranhão, onde consistia em alfabetizar uma considerável parcela da população carente. O projeto fez bastante sucesso e foi divulgado em âmbito nacional pela sua iniciativa e o seu resultado positivo para a população natalense (Prefeitura Municipal de Natal, 2013).

Atualmente, a cidade já está bem diferente do que nos períodos citados acima, já foi expandida para uma área de 167,263 km² e compreende uma população de 803.739 habitantes (IBGE, 2010). Está fragmentada entre quatro

regiões administrativas, sendo elas: norte – Lagoa Azul, Pajuçara, Potengi, N. S^a da Apresentação, Redinha, Igapó e Salinas; Leste – Santos Reis, Rocas, Ribeira, Praia do Meio, Cidade Alta, Petrópolis, Areia Preta, Mãe Luiza, Alecrim, Barro Vermelho, Tirol e Lagoa Seca; Oeste – Quintas, Nordeste, Dix-Sept Rosado, Bom Pastor, N. S^a. De Nazaré, Felipe Camarão, Cidade da Esperança, Guarapes e Planalto; Sul – Lagoa Nova, Nova Descoberta, Candelária, Pitimbu, Neópolis, Capim Macio e Ponta Negra (Prefeitura Municipal de Natal, 2013).

Durante os séculos XVIII e XIX, a criação de gado era a principal economia do Rio Grande do Norte e de Natal. Já que as capitanias de Pernambuco e Bahia eram os principais produtores de cana-de-açúcar do período, o RN utilizava a pecuária como transporte e para remover a carne bovina. Posteriormente, o estado e a capital ainda produziram um pouco da cana e houve um grande cultivo de algodão, principalmente no interior. Ainda no final do século XIX e início do XX, a construção do cais do porto na Ribeira veio a desenvolver aquela área devido a importação de produtos agrícolas que ali se iniciava, o que proporcionou a migração de várias pessoas para essa nova oportunidade e a construção de infraestrutura relacionada a produção, como o seu transporte, armazenamento, dentre outros.

No final do século XX houve uma grande expansão industrial em Natal, com destaque para os ramos têxtil e de confecções, onde as fábricas foram construídas principalmente na região metropolitana, nas cidades de Extremoz e Macaíba (Prefeitura Municipal de Natal). Atualmente, possui a sua economia baseada nos serviços, onde está incluído também o turismo, compreendendo oito milhões quatrocentos e oitenta e sete mil e novecentos e cinco do Produto Interno Bruto (PIB) de Natal enquanto a indústria um milhão setecentos e noventa e sete mil e oitocentos e trinta e oito, segundo dados do IBGE (sem ano).

Em relação aos recursos naturais, o Rio Grande do Norte encontra-se na zona costeira brasileira, onde compreende vários ecossistemas em seu território. Na capital, alguns que se destacam como as dunas, falésias, praias, dentre outros. Possui temperaturas elevadas pelo ano todo, com um baixo índice pluviométrico. Esses elementos estão em abundância na cidade do Natal, e são os seus principais atrativos turísticos.

3.2 As políticas e ações de incentivo ao turismo cultural na cidade do Natal

Como já citado, Natal foi uma cidade que se desenvolveu de maneira muito lenta. Por vários séculos a capital tinha uma infraestrutura precária e insuficiente. Apenas no século XX que a modernidade começa a chegar e várias construções e melhoramentos são feitos, de modo que antes disso, era muito difícil que pessoas de outros locais se deslocassem para conhecer a cidade.

Sendo assim, o turismo é uma atividade recente em Natal. Segundo Fonseca (2005, p. 78):

Há vinte anos praticamente não havia turismo no Rio Grande do Norte. Apenas a partir de meados da década de 1980, com a construção do mega-projeto turístico Parque das Dunas/Via Costeira – PD/VC –, o Estado começa a receber fluxos turísticos do país.

Essa evolução proporcionou o desenvolvimento da infraestrutura básica e turística em Natal, onde a cidade passou a ser vista pelo governo como oportunidade de investimento para a expansão dessa atividade e pelos turistas como opção de lugar para ser visitado. E dessa forma, várias foram as construções feitas em Natal com o intuito de desenvolver o turismo, desde as estradas, o desenvolvimento da rede hoteleira, dentre outros (FURTADO, 2005).

Dessa forma, o turismo em Natal está concentrado no sol e praia, principalmente em Ponta Negra onde há a maior concentração de estabelecimentos comerciais, da hotelaria e do entretenimento noturno da cidade (FURTADO, 2005). E fica clara pela divulgação das agências e da distribuição de folders e guias turísticos pelas empresas privadas e públicas, a valorização das praias e dos recursos naturais que Natal possui, o que não é um fator negativo, pois se tem esses elementos e abundâncias e é o principal atrativo que os turistas buscam. Entretanto, é necessário que haja uma diversificação no produto e que seja desenvolvido o potencial que outras áreas, como a cultural, por exemplo, para que os visitantes possam conhecer mais profundamente a cultura local e variar o foco apenas do sol e mar.

O Centro Histórico de Natal pouco é citado e trabalhado como produto turístico. Segundo um estudo realizado por Melo e Menezes (2010) com as agências de turismo receptivo de Natal, no qual 10 disponibilizaram os seus roteiros para a

análise da pesquisa, foi descrito a respeito desses roteiros e se nota que todos fazem um *city tour* panorâmico que se inicia nas praias e passa pela Cidade Alta e Ribeira, com uma breve explanação. E em alguns casos há uma parada em alguns prédios. Nota-se que essa prática não mudou muito, onde se observa no Centro Histórico os ônibus e vans que percorrem esses bairros com um *tour* panorâmico com os turistas. Durante a referida pesquisa, foi constatada a carência e a falta de interesse por parte das agências em promover o divulgar o turismo cultural nos bairros históricos de Natal.

Para que o Centro Histórico seja mais atraente e significativo para a elaboração de roteiros, faz-se necessário que haja um estudo prévio para adequá-lo às necessidades das empresas e dos turistas, como afirma Bahl (2004, p. 74) a respeito dos fundamentos que esse planejamento necessita “viabilidade, adequação e praticidade, resultantes de uma pesquisa prévia, testagem e operacionalidade, onde a criatividade em reunir atrativos e serviços facilite a sua comercialização”.

Mas para tanto, é preciso que haja o interesse e o profissionalismo das empresas em se propor a fazer esse tipo de levantamento e assim desenvolver o turismo cultural nos bairros históricos de Natal.

Como já foi discutido, o turismo cultural é uma atividade em expansão, e para tanto, é necessário uma atenção especial no seu planejamento. Segundo Cooper (2001, p. 280):

O turismo é eminentemente um fenômeno social, que dá origem a toda uma série de atividades, tais como as de transporte, alojamentos, alimentação, amenidades, diversão, etc, as quais geram, por sua vez, toda uma série de efeitos sobre o contexto no qual se desenvolvem, efeitos que podem ser tanto de índole econômica, quanto social, cultural, inclusive, de caráter ecológico.

Dada essa preocupação, com as possíveis alterações que o turismo pode causar, principalmente por estar relacionado diretamente com a cultura, é necessário um planejamento específico para a atividade. É preciso projetos e programas que possam desenvolver o turismo cultural e também proteger o patrimônio. A esse respeito, Barretto (1991, p. 51) afirma que “para cada tipo de turismo o planejamento deverá ser específico e quanto mais o profissional se especializar maiores serão os benefícios para o usuário e para a ciência do turismo”.

Então, para desenvolver ações que priorizem o bom funcionamento do turismo cultural, é necessário um estudo específico sobre as potencialidades da destinação turística e adequá-lo para a realidade local.

Em Natal, poucas são as iniciativas de incentivo ao desenvolvimento do turismo cultural. Por meio de pesquisa e visitas e observações feitas aos sites das secretarias e órgãos oficiais da cidade e ligações realizadas as mesmas, elas não possuem ou não sabem informar a respeito de projetos vigentes que buscam aprimorar essa atividade.

Uma das últimas ações de melhorias para o Centro Histórico de Natal foi ter sido selecionado para participar do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas. De acordo com o IPHAN, esse programa feito pelo Ministério da Cultura selecionou várias cidades do Brasil que tem o seu patrimônio reconhecido nacionalmente ou internacionalmente e elas receberão investimentos para a recuperação, restauro e qualificação dos seus conjuntos urbanos e dos seus monumentos. No caso de Natal, foi contemplada a restauração do Forte dos Reis Magos, do Teatro Alberto Maranhão e a requalificação das praças do Centro Histórico, beneficiando diretamente o patrimônio material da cidade.

Outros incentivos que ocorrem é a promoção de alguns concursos ou festivais culturais que são realizados para estimular e premiar os artistas potiguares, e são realizadas atividades pontuais e de tempos em tempos para restaurar e preservar os patrimônios históricos da cidade, entretanto, é feito pensando para a população, o que conseqüentemente acaba atraindo o turista.

Alguns eventos como o Agosto da Alegria¹, realizado anualmente durante o mês de agosto, e o Circuito Cultural da Ribeira², realizado mensalmente, ambos centralizados no bairro da Ribeira, são eventos culturais que buscam dinamizar as atividades e locais comerciais do bairro e exaltar a cultura potiguar. Contudo, esses são um dos poucos incentivos a cultura que acontecem no Centro Histórico de Natal, onde o mesmo possui potencial, mas é pouco utilizado para o turismo.

¹ Evento cultural que ocorre no mês de Agosto e é concentrado no bairro da Ribeira. Conta com oficinas, apresentações culturais, exposições, shows, dentre outros, com participantes de todo o estado.

² Ocorre todo 2º domingo do mês, onde todos os bares e casas noturnas da Ribeira são abertos para o público, a fim de dinamizar e revitalizar o bairro.

3.3 Levantamento do perfil socioeconômico e da percepção do turista que visita os bairros da Cidade Alta e Ribeira

Como já foi citado, os turistas geralmente visitam o Centro Histórico de Natal através de passeios panorâmicos realizados por algumas agências de viagens dentro de ônibus, micro ônibus ou vans, como mostra a seguir (foto 01) uma van parada em frente ao Palácio Felipe Camarão. Enquanto há uma breve explanação sobre o prédio, os turistas podem tirar fotos.

Foto 01 – Van de agência de turismo em frente ao Palácio Felipe Camarão



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

Dado esse fato, é mais comum ver os turistas no Centro Histórico apenas através das janelas dos transportes das agências, poucos são os que visitam os prédios da Cidade Alta e Ribeira, e essa foi uma grande dificuldade para a realização da pesquisa de campo. Apenas eventualmente que os turistas circulam a pé pelos edifícios, e devido a esse fator, apenas 8 visitantes foram entrevistados durante a realização da pesquisa de campo. Expõem-se a seguir os dados coletados referentes ao perfil socioeconômico dos turistas.

Quadro 01 – Perfil socioeconômico dos turistas

	Dados	Quantidade	Porcentagem
Gênero	Masculino	6	75%
	Feminino	2	25%
Idade	De 21 a 30 anos	2	25%
	De 31 a 40 anos	2	25%
	Acima de 50 anos	4	50%
Escolaridade	Ensino Médio	2	25%
	Superior	2	25%
	Pós-graduação	4	50%
Renda Salarial	De 3 a 5 salários mínimos	2	25%
	De 5 a 10 salários mínimos	4	50%
	Acima de 10 salários mínimos	2	25%
Ocupação	Empresa Privada	4	50%
	Emprego Público	2	25%
	Estudante	2	25%
Região de Procedência	Sudeste	6	75%
	Centro-Oeste	2	25%
TOTAL		24	100%

Como demonstram os dados acima, os entrevistados do Centro Histórico são em sua maioria do gênero masculino e adultos e idosos, de forma que 25% corresponde a pessoas de 31 a 40 anos e 50% de pessoas que possuem acima de 50 anos. Esse fato confirma que dentre os que participaram da entrevista, os jovens não têm um grande interesse pelo turismo cultural em Natal, visto que não há nenhum entrevistado com idade inferior a 20 anos, e apenas 25% corresponde a pessoas de 21 a 30 anos.

Dentre os entrevistados, nota-se que a maioria possuem um alto grau de escolaridade, de forma que 25% possuem nível superior e 50% pós-graduação, o que reflete diretamente na sua renda, sendo que 50% recebem de 5 a 10 salários mínimos e 25% mais de 10 salários mínimos. Durante as entrevistas também foi constatado que a principal motivação dos turistas em visitar o Centro Histórico era de conhecer a história e a cultura local, confirmando o que Portuguez (2004) já havia apresentado. A curiosidade em conhecer os costumes e hábitos atrai os turistas a vivenciarem novas experiências culturais de outras localidades distintas das suas.

Os dados a respeito das atividades ocupacionais e a região de procedência dos entrevistados demonstram que eles são em sua maioria funcionários de empresas privadas, correspondendo 50% do total, e procedentes da região sudeste, correspondendo a 75% do total, o que segue o padrão da maioria dos turistas que visitam Natal, segundo dados da pesquisa realizada pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (FECOMÉRCIO) em 2012.

Em relação à visita, todos alegaram que organizaram por iniciativa própria, motivados por conhecer a cultura e a história local, e adquiriram as informações através da internet e da indicação de amigos e de agentes de viagem. Dentre os prédios visitados, os turistas destacaram as igrejas e os museus. A visita atendeu a expectativa de todos os entrevistados, entretanto, aos que opinaram, sugeriram que houvesse mais investimentos do poder público para melhorar a estrutura dos prédios e a infraestrutura dos bairros.

3.4 Levantamento dos principais patrimônios edificados na Cidade Alta

Em seguida, será apresentado os dados resultantes da pesquisa de campo realizada nos prédios da Cidade Alta, foram escolhidos a partir da sua importância histórica e cultural. Todas as informações fornecidas a respeito dos prédios foram coletadas durante a pesquisa de campo e durante a pesquisa bibliográfica em fontes secundárias que tratavam a respeito do objeto de estudo. Antes da apresentação dos dados, o quadro a seguir informa a respeito dos estilos arquitetônicos predominantes presente nas edificações encontradas no Centro Histórico.

Quadro 02 – Estilos Arquitetônicos

ESTILO	PREDOMINÂNCIA	DESCRIÇÃO
Colonial	Século XVI até o século XIX	Arquitetura produzida no Brasil desde o início da ocupação portuguesa até o século XIX. Eram construções simples, térreas ou assobradas (feito por quem tinha mais condições financeiras).
Barroco	Século XVII e XVIII	Caracterizado principalmente pelas suas formas não simétricas e pela sua decoração detalhista e excessiva, chegando até mesmo a ser extravagante em algumas obras.
Neoclássico	Século XIX	Marca a retomada cultura clássica, onde as edificações adotaram o padrão de corpo único e planta retangular, de modo que a sua estrutura e a sua fachada possuem uma rigorosa simetria.

Eclético	Século XIX e XX	É um estilo que possui uma grande liberdade ao ser empregado, podendo utilizar vários elementos de outros estilos arquitetônicos.
----------	-----------------	---

Fonte: Melo e Silva Filho (2007)

a) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Cidade Alta

Prédio construído no início do século XX para abrigar o batalhão de segurança do Estado, que possui o estilo eclético. Posteriormente, foi utilizado para ser a Escola de Aprendizes Artífices. Teve ainda algumas utilizações durante o século e passou muitos anos abandonado e sofreu uma grande degradação. Somente em 2007 foi adquirido pelo então Centro Federal de Educação Tecnológica/CEFET-RN (atual IFRN) e recebeu uma grande reforma e revitalização do prédio. Foi tombado pelo governo estadual em 1999 e é bastante conservado, onde o IFRN é responsável pelas suas manutenções. Atualmente é uma instituição de ensino e também um prédio aberto a cultura, onde possui o Museu do Brinquedo Popular, o Memorial do IFRN, a Galeria de Arte e salas com fabricação de instrumentos musicais, dança e teatro. É aberto ao público e funciona de segunda a sexta das 09:00 às 21:00 e nos sábados das 09:00 às 16:00. Durante a semana existe uma pessoa responsável por orientar as pessoas durante a visita, que também pode ser feito o agendamento no caso de grupos. A entrada é gratuita.

Foto 02 – IFRN Cidade Alta



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

b) Igreja de Santo Antônio (Igreja do Galo)/Museu da Arte Sacra

Terceiro templo religioso de Natal, onde a sua construção foi concluída no ano de 1766. É conhecida pela curiosa história do galo que possui no alto de sua torre, onde foi um presente de um antigo Capitão-Mor no século XVIII, onde foi derrubado durante uma noite de chuva por um raio e passou um tempo desaparecida e reapareceu de forma misteriosa meses depois na porta da igreja. Devido a isso é famosa também pelo nome de Igreja do Galo. Chama a atenção também pelos seus detalhes da fachada em estilo barroco. Na lateral direita do prédio está o Museu de Arte Sacra que possui imagens, obras e objetos religiosos do século XVII ao XX.

A Igreja é tombada pela Fundação José Augusto, porém, não recebe recursos financeiros para fazer a manutenção e reforma do prédio, que não está muito conservado e tem a ocorrência de cupim e de algumas degradações em sua estrutura. No caso de precisar de algum reparo, a igreja conta com a contribuição dos fiéis para financiar esse conserto, como ocorreu no início do ano de 2013 durante a pintura da sua fachada. Os representantes da igreja enxergam de forma positiva a ocorrência do turismo no prédio e acha que seria interessante se houvesse um acordo com as agências de turismo para aumentar o fluxo de visitante na igreja, desde que não atrapalhasse as atividades religiosas e não degradasse o prédio. É aberto ao público e a visitação é gratuita, onde o Museu funciona de terça a domingo das 08:00 às 17:00 e possui pessoas disponíveis para fornecer informações.

Foto 03 – Igreja de Santo Antônio



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

c) Memorial Câmara Cascudo

Construído nas primeiras décadas do século XIX, representante do estilo neoclássico. Originalmente era menor, entretanto, recebeu uma ampliação no início do século XX, onde foi adicionada uma porta e duas janelas respeitando a sua construção original. Funcionou como Real Erário e depois a Tesouraria da Fazenda. Por essa utilização e por ter sido sempre pintado na cor ocre, recebeu o curioso nome de “vaca amarela”, pois a população dizia que várias pessoas “mamavam nas tetas do governo”. Foi tombado pelo governo estadual em 1989 e desde 1987 funciona o Memorial, com obras e objetos que remontam o folclore e a cultura potiguar, além de objetos pessoais de Câmara Cascudo, que é considerado o maior intelectual norte-rio-grandense.

Na frente do prédio existe uma obra em homenagem ao folclorista, que se diz que é a representação do povo potiguar elevando o seu filho mais ilustre. As agências de turismo demonstram interesse em tornar o prédio parte de um roteiro, entretanto, o funcionário relatou que o governo não incentiva ou toma a iniciativa para que isso seja concretizado. O prédio não está conservado, está precisando de manutenções na sua estrutura e uma pintura na sua fachada. Funciona de terça a domingo das 08:00 às 17:00, a visitação é gratuita e acompanhada de alguém para passar informações, e não é necessário o agendamento de grupos.

Foto 04 – Memorial Câmara Cascudo



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

d) Praça André de Albuquerque

É o espaço público mais antigo da cidade, onde as primeiras construções foram feitas ao seu redor, como a Igreja Matriz, a Casa de Câmara e Cadeia, dentre outros prédios públicos. Foi o primeiro endereço da cidade, onde até os dias de hoje é mantido o marco zero. Inicialmente era um espaço aberto, onde aconteciam as festas populares e as comemorações da igreja. Apenas em 1909 foi estruturada como praça, com o seu ajardinamento, foram postos bancos, calçadas, um coreto (que não existe mais) e iluminação pública. É nomeada pelo nome de André de Albuquerque, um revolucionário que viveu durante o século XIX e foi massacrado pelas suas ideias contrárias as do governo.

Foto 05 – Praça André de Albuquerque



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

e) Igreja Nossa Senhora da Apresentação

Sua construção original foi inaugurada em 1619, entretanto, existe apenas algumas ruínas desse período preservada em seu interior, pois esse edifício foi destruído durante a invasão holandesa em Natal. Além de suas ruínas, preserva também o túmulo de algumas pessoas que foram enterradas dentro da propriedade da igreja, como era costume da época, incluindo o túmulo do revolucionário André de Albuquerque.

Foi reconstruída e sofreu diversas modificações no decorrer do tempo, onde se acredita que sua construção foi concluída no ano de 1862 com a construção da sua torre. A igreja é um exemplar do estilo arquitetônico barroco. Sua estrutura é bem conservada, mantida com os recursos da própria igreja. Sua última restauração foi no ano de 1994 e recebe pequenas reformas e reparos a cada 4 anos. O turismo é bem visto pelos representantes religiosos, inclusive a igreja mudou o seu horário de funcionamento para atender a demanda dos turistas que circulam pela Cidade Alta, e também possui uma pessoa para o atendimento, disponibilizando informações para os visitantes. É aberta de segunda a sábado das 09:00 às 13:00 e das 14:30 às 19:00, e no domingo das 05:30 às 11:30 e das 16:00 às 19:00.

Foto 06 – Igreja de Nossa Senhora da Apresentação



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

f) Praça Padre João Maria

Local que também já foi conhecido como Praça da Alegria e Praça da Matriz, recebeu o nome e um busto em homenagem ao Padre João Maria, que morreu em 1905 e a praça recebeu o seu nome em 1909, um religioso que ajudava os mais necessitados. Percorria a cidade a pé ou em seu jumento atendendo aos pobres de Natal, e abrigava também os doentes e as pessoas provenientes do interior em sua casa. Até os dias de hoje as pessoas ainda fazem romaria e pagam promessa em seu busto, onde está cheio de velas, fitas e objetos que os fiéis depositam.

Foto 07 – Praça Padre João Maria



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

g) Instituto Histórico e Geográfico do RN (IHG)/Coluna Capitolina

Prédio do estilo neoclássico, construído em 1906 para a mesma finalidade que é utilizada atualmente. Ainda abrigou o Supremo Tribunal de Justiça, mas por um curto período. Na entrada do prédio está o segundo pelourinho da cidade, uma coluna que ficava em local público para maltratar e castigar os criminosos. Ainda na sua lateral está a Coluna Capitolina, presente do ministro e facista italiano Benito Mussolini em comemoração ao voo direto da Itália a Natal realizado por dois aviadores. O local estava precisando de algumas manutenções, entretanto, esta passando por uma reforma durante a realização da pesquisa. É aberto para visitação normalmente de segunda a sexta das 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 16:30.

Foto 08 – Instituto Histórico e Geográfico



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

Foto 09 – Coluna Capitolina



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

h) Museu Café Filho (Sobradinho Vêu da Noiva)

Sobrado do período colonial construído para ser a residência de um Capitão-Mor de Milícias, de modo a ser o primeiro sobrado particular de Natal, sendo

concluído em 1820. Atualmente abriga o museu em homenagem a Café Filho, o único potiguar que chegou a presidência do Brasil, após a morte de Getúlio Vargas. Esse local foi escolhido para ser o seu museu porque foi sede do Sindicato Geral dos Trabalhadores durante a década de 1920, onde Café Filho era o diretor. Nele são expostos objetos, móveis, livros, dentre outros pertences do seu antigo diretor. O prédio é também conhecido como Veu da Noiva devido sempre ter sido pintado de branco devido que no período da sua construção era a única cor disponível para pintura, e também pelo declive do seu telhado, aparentando um véu de noiva. O prédio encontra-se com degradação na sua estrutura, mas está passando por uma reforma. Funciona de terça a sábado das 08:00 às 18:00 e é cobrada uma taxa de R\$1,50, havendo também a taxa para estudante.

Foto 10 – Museu Café Filho



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

i) Palácio Potengi

Prédio construído na segunda metade do século XIX e foi utilizado para sediar várias repartições públicas. É uma construção muito representativa do estilo neoclássico. A sua calçada ainda é original da época. Abrigou a sede do governo estadual nos primeiros anos do século XX, onde foi a sua última sede até ser transferido em definitivo para o bairro de Lagoa Nova. Em 1999 recebeu o nome de

Palácio da Cultura, abrigando a Pinacoteca do Estado e também oferecendo atividades diversas, como exposições, eventos, encontro de artistas, dentre outros. As agências de turismo não demonstraram interesse em promover visitas no prédio, entretanto, o diretor do prédio acha uma alternativa proveitosa. O governo demonstra pouco interesse na realização das atividades e na manutenção do prédio, entretanto, ele está conservado e recebe algumas pequenas reformas, mas não com frequência. É aberto de terça a sábado das 08:00 às 18:00 e tem a entrada gratuita e acompanhamento para fornecer as informações, podendo haver o agendamento no caso de grupos.

Foto 11 – Palácio Potengi



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

j) Praça 7 de Setembro

Antigamente, no espaço onde hoje é a praça, haviam várias construções e casarões, dentre elas, o primeiro mercado público de Natal e uma casa muito peculiar, no qual era conhecida por “casa do nicho”, devido a uma imagem de Nossa Senhora da Conceição que colocada na frente da residência, de forma que se tornou ponto religioso importante e de romaria. A praça foi construída no início do século XX, tem no seu centro um monumento em comemoração ao centenário da independência do Brasil. É também conhecida como Praça dos Três Poderes por concentrar ao seu redor os prédios que representam os poderes judiciário, legislativo e executivo.

Foto 12 – Praça 7 de Setembro



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

k) Palácio Felipe Camarão – Prefeitura Municipal

Prédio finalizado no ano de 1922, centenário da independência do Brasil. É um exemplar do estilo eclético e abriga a Prefeitura Municipal de Natal. O nome do edifício foi uma homenagem ao índio Poti Felipe Camarão, pela sua ativa participação dos holandeses da então Capitania de Pernambuco. Apesar de receber visitas esporádicas dos turistas, não é de interesse do prédio fazer acordos com as agências de turismo para aumentar o fluxo de visitantes, devido as atividades administrativas do prefeito. Porém, é possível visitar o prédio de segunda a sexta das 07:30 as 19:00, sendo entrada gratuita e não é necessário o agendamento. A estrutura do prédio possui algumas degradações, com várias goteiras e infiltrações. Recebe pequenos reparos para o seu funcionamento básico, mas está precisando de uma reforma geral.

Foto 13 – Palácio Felipe Camarão



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

I) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Segundo templo religioso da cidade do Natal, construído no estilo colonial, tendo a fachada detalhes simples do barroco, feito pelos escravos com os poucos recursos que eles tinham no início do século XVIII. A localização dessa construção foi estratégica, de modo que na saída das missas os brancos não se encontravam com os negros, além também de ficar próximo ao rio Potengi, que na época acreditava-se que o rio carregava doenças e era visto como negativo e desvalorizado. Ao seu redor existe uma parte do calçamento da época, e a sua frente um mirante com uma vista da cidade do Natal e o rio, além de um cruzeiro do século XVIII, que demarcava o seu território sagrado. Uma particularidade dessa igreja é que aos domingos às 09:00 é realizada uma missa em latim, obedecendo os antigos rituais do catolicismo. O prédio necessita de vários reparos, e principalmente uma pintura na sua área externa.

Foto 14 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

m) Praça das Mães

Durante o período inicial de colonização da cidade, foi posta uma cruz nesse local determinando o limite norte de Natal, como era de costume. No início do século XX o local ficou conhecido como *Square Pedro Velho*, e colocado o busto desse que foi o primeiro governador do período republicano do Rio Grande do Norte, onde posteriormente foi transferido para a atual Praça Pedro Velho, também conhecida como Praça Cívica. Apenas em 1960 foi renomeada como Praça das Mães, devido que no período da Segunda Guerra Mundial as mães se encontravam nesse espaço para ler as suas cartas e saber notícias de seus filhos. Foi posto um painel em ferro do artista potiguar Dorian Gray Caldas, que foi substituído por outra obra do mesmo autor, a que está atualmente.

Foto 15 – Praça das Mães



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

n) Capitania das Artes

Construída no final do século XIX para abrigar a Capitania dos Portos de Natal, onde obteve essa função até 1972. Após esse período ficou abandonada e sofreu um grande processo de degradação, recebendo uma reforma em 1988, entretanto, apenas a fachada foi preservada. Passou então a funcionar a Fundação Capitania das Artes (FUNCARTE), onde possui uma biblioteca aberta ao público, apresentações culturais, eventos, exposições e é a sede do Balé Municipal.

Recebe turistas esporadicamente, dependendo da exposição que está sendo exposta, e devido a ser um prédio administrativo, não está interessado em aumentar esse fluxo de visitas. O prédio está degradado e precisando de uma reforma. A entrada é gratuita e funciona de segunda a sexta das 08:00 às 14:00.

Foto 16 – Capitania das Artes



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

o) Solar João Galvão

Edificado no início do século XX no estilo neoclássico para ser uma residência, e pouco tempo depois foi adquirido pelo coronel Aureliano de Medeiros, o rico proprietário da loja de artigos europeus “Paris em Natal”. O comerciante morou com a sua família nessa propriedade até a construção do Solar Bela Vista, que fica ao seu lado, e a intenção era destruí-lo, entretanto, a família desistiu dessa ideia e passou a morar no Solar João Galvão nos períodos em que a sua residência principal era pintada. Posteriormente, foi propriedade de João Galvão de Medeiros, nome o qual o prédio leva até hoje.

Passou um longo período abandonado, mas foi restaurado e reaberto em 2002 para ser o setor de Documentação da Fundação José Augusto. Atualmente as atividades das oficinas e eventos do prédio estão suspensas para pesquisa do acervo, entretanto, é possível conhecê-lo de segunda a sexta das 08:00 às 12:30, sendo a entrada gratuita e não é necessário o agendamento. Há pouca visitação dos turistas, mas os funcionários do prédio consideram o turismo como positivo, no qual os ônibus passam em frente para uma vista panorâmica do prédio. Foi pintado recentemente, e a edificação encontra-se conservada, precisando apenas de poucas manutenções em sua estrutura.

Foto 17 – Solar João Galvão



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

p) Solar Bela Vista

Construído pelo coronel Aureliano de Medeiros com os melhores materiais, do qual a maioria veio da Europa, para ser a sua residência no início do século XX. É um representante do estilo eclético. O prédio também foi sede do Tribunal de Justiça e na década de 1930 passou a funcionar como o Hotel Bela Vista, um dos mais conceituados e sofisticados da época. Foi vendido ao Serviço Social da Indústria (SESI) em 1958 e restaurado em 1984, onde funciona o Centro de Cultura e Lazer do SESI. Oferece atividades relacionadas a cinema, teatro, circo, jazz, chorinho, dentre outros estilos musicais, todos abertos a comunidade. Há agendamentos de grupos e a visita ocorre de segunda a sexta das 08:00 às 12:00 e das 14:00 as 18:00, entrada gratuita. O prédio está conservado e possui manutenções constantes em sua estrutura.

Foto 18 – Solar Bela Vista



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

q) Casa de Câmara Cascudo (Instituto *Ludovicus*)

Prédio construído no estilo neoclássico, no início do século XX. Edificação onde por mais de 40 anos morou o folclorista e historiador Câmara Cascudo, e até os dias de hoje permanece em propriedade da família. No interior da casa está exposto o mobiliário e os objetos pessoais e da família, do período em que moravam nela. Um dos destaques da residência é, como Cascudo costumava chamar, a “Babilônia”, a sua biblioteca onde ele recebia os seus convidados e aqueles que o procurassem. Nesse local está a sua antiga máquina de datilografar, e a sua principal curiosidade está nas paredes, com várias assinaturas de pessoas como Juscelino Kubitschek, Ari Barroso, Gilberto Freyre, Vila Lobos, dentre muitos outros. Ainda existe também uma loja de *souvenirs* e venda de seus livros.

Além da exposição, o espaço oferta também aulas de teatros e lançamentos de livros. Há visitas constantes dos turistas através de agendamento de grupos e um tutor acompanhando a visita. O prédio é aberto de terça a sábado das 09:00 às 17:00 e se cobra a taxa de R\$3,00, sendo R\$1,50 para estudantes. Algumas agências de turismo costumam parar e visitar. O prédio está bem conservado e é mantido unicamente por recursos próprios.

Foto 19 – Casa de Câmara Cascudo



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

r) A República

Fundado pelo primeiro governador republicano do RN, Pedro Velho em 1889 para ser o jornal a reproduzir os comunicados do governo. Em 1928 passou a ser o órgão de Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte. A sua localização foi bastante favorável, pois presenciou por várias vezes os conflitos gerados pela rivalidade entre os moradores da Cidade Alta e Ribeira, também conhecidos como Xarias e Canguleiros, fazendo alusão aos peixes consumidos pelos moradores desses bairros, o Xaréu e Cangulo.

Abriga atualmente o Museu da Imprensa Oficial Eloy de Souza, onde é exposto o maquinário da época e o processo de elaboração do jornal. Existe agendamento de grupo, funciona de segunda a sexta das 08:00 às 17:00 com a entrada gratuita, entretanto, os turistas dificilmente visitam o prédio. O prédio está conservado e passando por uma reforma durante a realização dessa pesquisa.

Foto 20 – A República



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

3.5 Proposta de roteirização da Cidade Alta

O roteiro pedestre pela Cidade Alta inicia-se no IFRN Cidade Alta, na avenida Rio Branco, e se encerra no prédio da A República, na avenida Câmara Cascudo, no qual compreende um total de 18 locais para visitação. O percurso compreende uma extensão entre 1,5 km e 2 km, com duração média de 2 horas.

Mapa 01 – Roteiro de visitação a Cidade Alta



Fonte: Google Earth

1. IFRN Cidade Alta
2. Igreja de Santo Antônio/Museu da Arte Sacra
3. Memorial Câmara Cascudo
4. Praça André de Albuquerque
5. Igreja Nossa Senhora da Apresentação
6. Praça Padre João Maria
7. Instituto Histórico e Geográfico/Coluna Capitolina
8. Museu Café Filho
9. Palácio Potengi
10. Praça 7 de Setembro
11. Palácio Felipe Camarão
12. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos
13. Praça das Mães
14. Capitania das Artes
15. Solar João Galvão
16. Solar Bela Vista
17. Casa de Câmara Cascudo (Instituto Ludovicus)
18. A República

Como já foi exposto, o Centro Histórico tem grande potencial para se tornar um atrativo importante de Natal, entretanto, várias melhorias devem ser implementadas. Vários fatores devem levados em consideração e desenvolvido para que o roteiro aconteça e proporcione uma experiência positiva ao turista que está visitando. Referente a isso, Bahl (2004, p. 35) afirma que

Os serviços e estruturas de recepção também influem na procura das localidades gerando, conseqüentemente, a necessidade de manutenção e conservação constante e a busca do equilíbrio, através da organização e planejamento dos serviços, equipamentos, instalações, saneamento, benfeitorias, vias de acesso e restaurantes, vislumbrando-se a absorção e expansão dos fluxos, a geração de rendas.

Durante as pesquisas bibliográficas e a pesquisa de campo com a entrevista aos funcionários dos prédios e turistas, nota-se os mesmos questionamentos e deficiências dos bairros da Cidade Alta e Ribeira.

Dentre os pontos em destaque, acentua-se a falta de sinalização turística para orientar as direções para os turistas. Informação é um elemento muito importante na interpretação e no entendimento das pessoas que visitam os prédios históricos (MURTA, 2002).

Como exemplo de sinalização turística, pode-se citar a que foi implementada em Pampulha, na cidade de Belo Horizonte – MG (ver foto 21). Na placa é

apresentada em português, inglês e espanhol e demonstra as informações básicas a respeito do local que está indicando.

Foto 21 – Placa informativa de Pampulha – MG



Fonte: Morato Arquitetura

Enquanto isso, em Natal, nem todos os prédios históricos possuem alguma placa, e os poucos que tem são apenas com o nome do local, sem maiores informações. Além disso, em alguns locais a placa está mal colocada, onde não fica muito bem postada e não há uma fiscalização efetiva, do qual algumas estão pichadas e mal conservadas.

Foto 22 – Placa informativa na Igreja de Santo Antônio (Cidade Alta-RN)



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

A partir dessa comparação, é notável a diferença da qualidade e do volume de informação proporcionada pelos exemplos acima. Para elaborar essas placas de sinalização, é necessário um estudo aprofundado a respeito dos prédios e uma adequação de modelo e de idiomas, se é interessante colocar apenas em português ou adicionar alguma língua estrangeira.

Outro ponto interessante que também pode ser trabalhado é a dinamização dos espaços. Principalmente na Cidade Alta, vários são os locais que tem a estrutura para agregar outras atividades culturais como a dança, o teatro, oficinas, dentre outros, entretanto, não o fazem. É necessário dar uma funcionalidade mais ativa para os prédios, e que sejam realizadas atividades culturais para dinamizar esses locais e também para aumentar o interesse das pessoas em visitá-los.

3.6 Levantamento e avaliação dos principais patrimônios edificados da Ribeira

s) Praça Augusto Severo

Localizado no bairro da Ribeira, a região que hoje ocupa o espaço da praça, durante vários séculos foi um alagado do rio Potengi. Esse alagado de terreno pantanoso dificultava a ligação entre os bairros da Cidade Alta e Ribeira, onde apenas em 1732 foi construída uma ponte para facilitar o acesso. Apenas no final do século XIX que esse terreno foi totalmente aterrado. No início do século XX ele ganhou status de praça, com um ajardinamento e três pequenas pontes sobre um canal, o qual uma permanece ainda hoje na praça, mesmo sem o canal. Em 1913 foi instalada a estátua em homenagem a Augusto Severo, um político potiguar que dedicava a sua vida a aviação. Atualmente, acontecem vários eventos e shows nesse espaço.

Foto 23 – Praça Augusto Severo



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

t) Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão

Prédio construído na década de 1960, com traços do estilo modernista. Funcionou como a rodoviária de Natal até a década de 1980, onde posteriormente passou vários anos abandonado. Foi restaurado apenas em 2008 para abrigar o Museu de Cultura Popular, função que permanece até os dias de hoje. Nomeada com o nome de Djalma Maranhão, prefeito de Natal entre 1956 e 1964, famoso pela sua campanha educacional “De pé no chão também se aprende a ler”.

O museu retrata a cultura do povo potiguar, com um acervo organizado a partir de quatro eixos temáticos, sendo eles: folguedos e danças tradicionais do RN, bonecos João Redondo, saberes e fazeres potiguares e arte e religiosidade do RN. Funciona de segunda a sexta das 09:00 às 16:00, onde é possível realizar o agendamento de grupos e sempre há um tutor para acompanhar as visitas. A entrada é gratuita. O prédio encontra-se degradado e precisando de vários reparos, entretanto, não há previsão de reforma e ele não recebe pinturas e manutenções constantes.

Foto 24 – Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

u) Antiga Escola Doméstica e Grupo Escolar Augusto Severo

Esses prédios foram construídos no final do século XIX e início do século XX. Foram instituições de ensino da época, representantes do estilo eclético. A antiga Escola Doméstica foi criada por um grupo de intelectuais norte-rio-grandenses, inspirados na educação Suíça, tornando-a a pioneira no Brasil por ter seguido esse estilo. O Grupo Escolar Augusto Severo abrigou durante a década de 1950 a escola Atheneu, e posteriormente, a Faculdade de Direito de Natal. Atualmente, encontram-se fechados devido a sua grande degradação, no qual necessita de uma revitalização.

Foto 25 – Antiga Escola Doméstica



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

Foto 26 – Grupo Escolar Augusto Severo



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

v) Teatro Alberto Maranhão (TAM)

Sua construção foi iniciada no final do século XIX e concluída no início do século XX. Era um prédio mais simples, do estilo neoclássico, intitulado de Teatro Carlos Gomes. Entretanto, em 1910 recebeu uma grande reforma e várias alterações foram feitas, principalmente em sua fachada que recebeu vários ornamentos, caracterizando uma construção do estilo eclético. Em 1957 mudou o seu nome para Teatro Alberto Maranhão, também conhecido como TAM, em

homenagem ao ex-governador do Estado. O seu funcionamento varia de acordo com os espetáculos e eventos que ocorrem.

Foto 27 – Teatro Alberto Maranhão



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

w) Rua Chile

Foi a primeira rua da Ribeira, e já recebeu vários nomes, sendo eles: Rua da Praia (1769) devido a sua proximidade com o Rio Pontegi, Rua da Ribeira (1829) por se configurar a rua mais importante do bairro, Rua da Alfândega (1853) devido a construção do primeiro cais da alfândega, Rua do Comércio devido a grande circulação comercial que ocorria ali, Rua Tarquínio de Souza (1888) em homenagem a um advogado e deputado da então província, e finalmente Rua Chile (1902), a partir da política de boa vizinhança com os países da América do Sul.

Devido aos produtos que ali eram comercializados, foram construídos vários galpões para armazenar esses produtos, alguns que estão mantidos até os dias de hoje, além de grandes empresas comerciais, industriais e exportadoras que se instalaram nessa rua, transformando-a na mais movimentada de Natal. Também era conhecida pela sua vida boemia, com vários bares e prostíbulos que ali funcionavam, principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial e os americanos frequentavam bastante essa região. Por ali passava também o trem para o carregamento de cargas, onde os trilhos estão mantidos até os dias atuais. A

proximidade com o rio também proporcionou o surgimento do remo, um esporte aquático disputado pelos jovens da época. Em 1915 foi construído a sede do Centro Náutico Potengy e Sport Clube Natal, muito frequentado pelos potiguares e também pelos militares. Em 1952, cinco remadores saíram do Sport Club a remo até o Rio de Janeiro, fato que causou uma grande repercussão e foi considerada pelo presidente do Brasil, o potiguar Café Filho, como sendo “o maior feito náutico do mundo”.

Outro elemento interessante nessa rua é o Beco da Quarentena, que liga a rua Chile a rua Frei Miguelinho. Frequentavam ali as prostitutas mais velhas e os marinheiros que chegavam com alguma doença infectocontagiosa. Muitas vezes durante as rondas da polícia, exército e da marinha em busca de baderneiros, usavam o beco para acuar os maus elementos. Atualmente a rua é conhecida pelos bares e suas casas noturnas, onde acontecem vários eventos como o Circuito Cultural da Ribeira e eventos de Rock no Centro Cultural DoSol.

Foto 28 – Rua Chile



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

Foto 29 – Beco da Quarentena



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

Foto 30 – Sport Club de Natal



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

x) Antigo Palácio do Governo (EDTAM)

Localizado na Rua Chile, o prédio foi construído no final do século XIX, foi a quinta sede do poder municipal, sendo a primeira da Ribeira, de modo que as outras

quatro ficavam na Cidade Alta, nas imediações da Praça André de Albuquerque e hoje não existem mais. Recebeu vários políticos e pessoas importantes, dentre elas, o Conde D'Eu, marido da princesa Isabel. Foi da sua sacada que o então governador republicano Pedro Velho anunciou a proclamação da República.

Foi vendido no início do século XX e se tornou um bar muito famoso da época, o Wander Bar, bastante frequentado pelos militares no período da Segunda Guerra Mundial. Em 1989 voltou a ser propriedade do governo, passou por uma restauração e atualmente funciona a sede da Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão (EDTAM). Funciona de segunda a sexta das 07:30 as 20:30 e a visitação é gratuita. Por ser uma escola de dança e o seu espaço ser utilizado para as aulas, não é de interesse aumentar o fluxo de turistas no local, mas eventualmente algumas pessoas o visitam. O prédio está degradado e precisa de uma reforma na sua estrutura, de modo que geralmente só é feito algum reparo internamente nas salas de aula.

Foto 31 – Antigo Palácio do Governo



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

y) Casa da Ribeira

Sobrado construído no início do século XX, sua primeira função foi ser uma hospedaria. Ao longo dos anos teve diversas outras funcionalidades, como loja de navio, padaria e loja de material de construção. Foi “descoberto” em 1997 pelo grupo de teatro Clows de Shakespeare, que estava em busca de um local para que pudessem ensaiar e realizar as suas apresentações e também de outros grupos.

A partir de recursos financeiros privados e editais públicos, o prédio foi restaurado e inaugurado como espaço cultural em 2001. Além das apresentações culturais, o local também possui uma biblioteca aberta a comunidade e um café. Funciona de sob demanda, apenas quando existe algum projeto ou atividade acontecendo. As agências não costumam levar turistas até lá, mas o diretor demonstra interesse nessa possibilidade. O prédio está conservado, mas precisa de algumas manutenções em sua estrutura.

Foto 32 – Casa da Ribeira



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

z) Antigo Grande Hotel

Dentre as pequenas hospedarias existentes na cidade da época, foi o primeiro grande hotel realmente. Foi construído em 1939 e hospedou vários militares americanos durante a Segunda Guerra Mundial, além de pessoas importantes e famosas da época, como Juscelino Kubitschek, Nelson Gonçalves, Clarice Lispector, dentre outros. Além de acomodar os hóspedes, era um local também para diversão com orquestras e bailes, além de utilizar a parte do restaurante para grandes banquetes, principalmente para discussões políticas. Atualmente funciona diversos Juizados Especiais Cíveis do RN. Funciona de segunda a sexta das 07:30 às 14:30.

Foto 33 – Antigo Grande Hotel



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

A) Sede do IPHAN/RN

Prédio construído no início do século XX, foi residência do comerciante Fortunato Aranha, proprietário da livraria Cosmopolita, um importante ponto de encontro dos políticos e intelectuais da época. Depois de ser utilizado como residência, teve diversos usos, sendo eles comerciais ou de serviços. Durante os anos, o prédio sofreu várias alterações e acréscimos, se configurando atualmente como sendo pertencente do estilo eclético. Foi restaurado em 2012 para abrigar a

superintendência regional do IPHAN. Funciona de segunda a sexta das 08:00 as 18:00, entrada gratuita.

Foto 34 – Sede do IPHAN/RN



Fonte: Nascimento, I. L. B. (2013)

3.7 Proposta de roteirização da Ribeira

O roteiro pedestre pela Ribeira inicia-se na Praça Augusto Severo e encerra-se em frente ao prédio da superintendência do IPHAN, na avenida Duque de Caxias, onde compreende um total de 9 locais para visitação. O percurso tem uma extensão de cerca de 1,5 km, do qual tem a duração média de 1 hora a 1 hora e 30 minutos.

Mapa 02 – Roteiro de visitação a Ribeira



Fonte: Google Earth

- 19. Praça Augusto Severo
- 20. Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão
- 21. Antiga Escola doméstica e Grupo Escolar Augusto Severo
- 22. Teatro Alberto Maranhão
- 23. Rua Chile
- 24. Antigo Palácio do Governo (EDTAM)
- 25. Casa da Ribeira
- 26. Antigo Grande Hotel
- 27. Sede do IPHAN

Dentre as principais melhorias que devem ser feitas no Centro Histórico, outro fator que foi bastante citado durante a pesquisa de campo com os turistas e os funcionários foi o descaso do poder público, de modo que vários prédios precisam de revitalizações e restaurações, além da limpeza das ruas e iluminação pública. Vários são os fatores a serem melhorados quanto a estrutura e infraestrutura no Centro Histórico, mas para tanto, é necessário que o poder público se envolva com as questões e deficiências dos bairros históricos, e implementem políticas que os tornem agradável e apropriado para a convivência dos moradores e visitas dos turistas.

Além da execução dessas intervenções que devem ser feitas, é interessante também realizar atividades relacionadas a educação patrimonial, como a iniciativa já citada do projeto de extensão “Educando Para o Patrimônio”. Essa tentativa é importante para o envolvimento da comunidade e estimular que a população local conheça e desenvolva laços afetivos com o seu patrimônio, criando assim o sentimento de pertencimento e o despertar para a preservação dos seus bens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas pela pesquisa estão relacionadas com o desenvolvimento do turismo cultural no Centro Histórico de Natal. Essa atividade proporciona uma maior interação dos visitantes com a população local, de modo a trazer os seus benefícios e malefícios aos atores envolvidos nessa prática. Natal é uma cidade com recursos naturais em abundância, e os utiliza para atrair o turista à visita a cidade, entretanto, é interessante diversificar esses produtos e oferecer alternativas para esses visitantes.

Como foi apresentado, o patrimônio e os centros históricos podem ser um fator motivacional para atrair os turistas a visitarem as localidades, e essa já é a realidade vivenciada por vários países e também por algumas cidades brasileiras. Para tanto, é necessário estruturar as edificações e melhorar a infraestrutura para atender a demanda e também adequar os prédios e os profissionais que neles trabalham para receber esses fluxos.

Apesar da falta de divulgação e promoção, os turistas visitam o Centro Histórico a fim de conhecer mais profundamente sobre a história e cultura da cidade. As visitas proporcionadas pelas agências de turismo ocorrem por meio de visitas panorâmicas feitas por ônibus ou vans, entretanto, alguns turistas não ficam satisfeitos e sentem a necessidade de conhecer *in loco* através de visitas pedestres como é a realidade local.

O planejamento e a política são fatores importantes no desenvolvimento dos destinos, de modo que ordenam e organizam as ações que devem ser executadas para o melhoramento da cidade e dos moradores. Ficou visível que esse é um setor deficiente na cidade do Natal, onde há a necessidade de uma intervenção e controle por parte do domínio público, contudo, não se percebe esse interesse.

O roteiro elaborado propõe orientar e fornecer informações aos turistas que desejem visitar o Centro Histórico de maneira diferenciada do que é vendido pelas agências de turismo, ou seja, proporcionando uma visita feita a pé pelos prédios que apresentam uma relevância na história e na cultura potiguar. Esse roteiro foi elaborado a partir de uma análise e releitura dos elementos relevantes para que tal objetivo fosse alcançado.

Os turistas que visitam o Centro Histórico de Natal avaliam de maneira positiva o trajeto e os prédios, o que demonstra que há o interesse da demanda em realizar atividades mais constantes, entretanto, como foi constatado, as poucas interferências que há por parte do governo ainda aparecem de forma muito tímida ou inexistente para o desenvolvimento dessa atividade.

Com isso, o objetivo de elaborar uma proposta de roteiro de visita turística cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual foi alcançado com sucesso, juntamente com a análise dos dados coletados referentes à identificação das políticas de incentivo ao turismo cultural na cidade do Natal, o levantamento do perfil socioeconômico e a percepção do turista que visita o Centro Histórico e dos seus principais patrimônios edificados e seu grau de uso e de conservação.

Portanto, essa pesquisa vem a contribuir de forma que apresente o cenário do turismo cultural no Centro Histórico de Natal na atualidade, com ênfase no seu potencial e na riqueza histórica e cultural que esse local representa para a cidade como também os pontos principais a serem melhorados, a fim de que proporcione uma experiência positiva para quem o visite. Para tanto, é preciso o envolvimento do setor privado, do setor público e da comunidade, no sentido valorizar mais os bairros históricos da cidade e fazer com que outras pessoas o conheçam e também o valorizem.

5 REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do turismo: conceituação e organização**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ÁVILA, Marco Aurélio (org.). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editus, 2009.

BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BARRETO, Euder Arrais; ZARATIM, Joel Ribeiro; FREIRE, Lídia dos Reis; BEZERRA, Márcia; CAIXETA, Maria Joana Cruvinel; D'OSVUALDO, Vera Lúcia Abrantes (org.). **Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados**. Goiânia, 2008.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papyrus. 1995 (Coleção Turismo)

BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1991. (Coleção Turismo)

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. (Coleção turismo).

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural. PAC 2. Brasília. Sem ano.

CARDOZO, Poliana Fabíola; MELO, Alessandro de. Patrimônio e educação patrimonial numa perspectiva humano-genérica. **Caderno virtual de turismo**, vol. 9, n. 3, p. 1-14, 2009.

CÁS, Danilo da. **Manual teórico-prático para a elaboração metodológica de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Ensino Profissional. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 3 ed.

COOPER, Chris. **Turismo, princípios e práticas**. Porto Alegre: Bookman, 2001. 2 ed.

DENCKER, Ada De Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural** – recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Luís; AGUIAR, Lídia; PINTO, José Ricardo. Turismo cultural, itinerários turísticos, e impactos nos destinos. **Revista de cultura e turismo – CULTUR**, ano 06, n. 02, p. 109-126. 2012.

FONSECA FILHO, Ari da Silva. Educação e turismo: reflexões para elaboração de uma educação turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 1, n. 1, p. 5-33, set. 2007.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal, RN: EDUFRRN – Editora da UFRN. 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (org). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. 3ª ed. (Coleção Turismo Contexto)

FUNARI, Pedro Paulo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009. 2 ed. (Ciências Sociais passo-a-passo).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 8 ed.

HORA, Carlos Eduardo Pereira da; MEDEIROS, Antonio Carneiro de; CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas (orgs). **Anuário Natal 2013**. Natal: SEMURB, 2013.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001. Série Turismo.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

MIRANDA, João Maurício Fernandes de. **Evolução urbana de Natal em 400 anos, 1599 – 1999**. Natal (RN): Prefeitura do Natal (RN), 1999.

MARTINS, Clerton (Org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MELO, Maria Augusta Wanderley Seabra de; MENEZES, Sâmia Valessa dos Anjos. **Um novo olhar para o corredor cultural**: proposta de modelos de *city tours* para a

cidade do Natal/RN. Trabalho de Conclusão do Curso de Turismo. Universidade Potiguar. Natal, 2010.

MENDES, Carina. **Centro histórico de Natal**. Iphan: Natal, 2007.

Ministério do Turismo. **Cultura e turismo**. São Paulo: IPSIS, 2007.

Ministério do Turismo. **Pesquisa de hábitos de consumo do turismo brasileiro**. 2009. Disponível em:
http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/pesquisa_habitos/Download_pesquisa_habitos/13.11.09_Pesquisa_Hxbitos_2009.pdf Acesso em 15 maio 2012.

MURTA, Stela Maria; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: ED UFMG; Território Brasília. 2002

NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. **Turismo e políticas públicas na Amazônia brasileira: instâncias de governança e desenvolvimento nos municípios de Santarém e Belterra, Oeste do estado do Pará**. 2012. 314 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Pará. 2012.

Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PAULA, M. M. Institucionalização, estratégia de desenvolvimento e padrão de espacialização: eixos estruturantes para uma retrospectiva do planejamento governamental do turismo no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 253-272, ago. 2013.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Turismo).

PETROCCHI, Mario. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira (org.). **Turismo, memória e patrimônio cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).

SOARES, André Luís Ramos (org). **Educação patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria: Ed. da UFMS, 2007.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo)

APÊNDICE A – Funcionários dos prédios

1. Nome:

2. Gênero: () Masculino () Feminino

3. Escolaridade: () Médio Completo () Médio Incompleto
() Superior Completo () Superior Incompleto () Pós-graduação

4. Idade: () de 18 a 20 anos () de 21 a 30 anos () de 31 a 40 anos
() de 40 anos a 50 anos () acima de 50 anos

5. Renda: () até 3 salários mínimos () de 3 a 5 salários mínimos
() de 5 a 10 salários mínimos () acima de 10 salários mínimos

6. Prédio que trabalha: _____

7. Qual a sua função? _____

8. Há quanto tempo trabalha aqui? _____

9. Quais são as atividades que acontecem aqui? _____

10. Esse prédio recebe visitas de turistas? Qual a frequência?

11. Existe agendamento de grupos e alguém para acompanhar os visitantes?

12. Quais os dias e horários de funcionamento?

13. A entrada é gratuita ou existe alguma taxa? _____

14. Existe algum material impresso para informar os turistas sobre o prédio?

15. As agências de turismo já demonstraram interesse em tornar o prédio um atrativo turístico comercializado? _____

16. Haveria o interesse de fazer algum acordo com as agências de turismo para aumentar o fluxo de visitas? _____

17. Você acha que o Centro Histórico tem capacidade de receber os turistas e se tornar um produto turístico de Natal? _____

18. O poder público já fez alguma intervenção no prédio? Se sim, qual?

19. Existe a preocupação por parte do governo em desenvolver algum projeto cultural, social e/ou turístico nesse local? _____

20. Você acha que esse prédio está conservado ou possui alguma degradação na sua estrutura? Ele recebe pintura e manutenções constantes?

APÊNDICE B – Turistas e visitantes

1. **Nome:**

2. **Gênero:** () Masculino () Feminino

3. **Escolaridade:** () Médio Completo () Médio Incompleto
() Superior Completo () Superior Incompleto () Pós-graduação

4. **Idade:** () de 18 a 20 anos () de 21 a 30 anos () de 31 a 40 anos
() de 40 anos a 50 anos () acima de 50 anos

5. **Renda:** () até 3 salários mínimos () de 3 a 5 salários mínimos
() de 5 a 10 salários mínimos () acima de 10 salários mínimos

6. **Cidade de origem:** _____

7. **Ocupação:** () Empresa privada () Emprego público () Profissional Liberal
() Empresário () Estudante () Outro

8. **Prédio que está visitando:** _____

9. **É a primeira vez que visita o Centro Histórico?** _____

10. **Qual o principal motivo que lhe levou a visitá-lo?** _____

11. **Como organizou a sua visita?** _____

12. **Onde obteve informações sobre o Centro Histórico de Natal?** _____

13. Quais os prédios que já visitou e que pretende visitar? _____

14. Alguém acompanhou ou estava disponível para informações durante a sua visita?

15. Durante a visita, você recebeu algum material impresso informativo?

16. Você acha que se tivesse um roteiro com os prédios do Centro Histórico, seria mais fácil se locomover e encontrar as informações a respeito dele?

17. Você acha que os prédios estão bem conservados? () Sim () Não

18. Qual o seu grau de satisfação quanto a sua visita? () Não atendeu a expectativa () Atendeu a expectativa () Superou a expectativa

19. Você retornaria para outras visitas? () Sim () Não

20. Você acha que o Centro Histórico tem capacidade de receber os turistas e se tornar um produto turístico de Natal? () Sim () Não

21. Tem alguma sugestão para melhorar a visita aos prédios ou quanto as suas estruturas? _____

APÊNDICE C – Representante das Igrejas

1. **Nome:**

2. **Gênero:** () Masculino () Feminino

3. **Escolaridade:** () Médio Completo () Médio Incompleto
() Superior Completo () Superior Incompleto () Pós-graduação

4. **Idade:** () de 18 a 20 anos () de 21 a 30 anos () de 31 a 40 anos
() de 40 anos a 50 anos () acima de 50 anos

5. **Prédio que trabalha:** _____

6. **Qual a sua função?** _____

7. **Há quanto tempo trabalha aqui?** _____

8. **Esse prédio recebe visitas de turistas? Qual a frequência?**

9. **Quais os dias e horários de funcionamento?**

10. **Qual a percepção da Igreja quanto à inclusão do templo religioso num roteiro turístico?** _____

11. **Haveria o interesse de fazer algum acordo com as agências de turismo para aumentar o fluxo de visitas?** _____

12. Você acha que o Centro Histórico tem capacidade de receber os turistas e se tornar um produto turístico de Natal? _____

13. O recurso para revitalização do prédio vem do poder público ou é a partir da arrecadação dos fiéis?

14. Você acha que esse prédio está conservado ou possui alguma degradação na sua estrutura? Ele recebe pintura e manutenções constantes?
